

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO

2014/2015



TII

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA MILITAR AOS
OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE
DOS SEUS AUTORES, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA
OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS E DA GUARDA
NACIONAL REPUBLICANA.**



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA MILITAR AOS
OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS**

MAJ INF Vítor Miguel Madeira da Costa

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2014-2015

Pedrouços 2015



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA MILITAR AOS OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS

MAJ INF Vítor Miguel Madeira da Costa

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2014-2015

Orientador: MAJ INF Carlos Filipe Nunes Lobão Dias Afonso

Pedrouços 2015



Agradecimentos

A realização deste trabalho é o corolário de um esforço coletivo, pelo que as primeiras palavras de apreço são para o meu orientador, Major de Infantaria Carlos Afonso, ao qual quero agradecer a confiança, as palavras de incentivo, a permanente disponibilidade e o conhecimento que amavelmente partilhou ao longo da realização deste trabalho. O seu exemplo será sempre uma referência, tanto na generosidade com que se entrega à missão como na defesa dos valores em que acredita.

Ao Tenente-Coronel de GNR Administração Parreira da Silva, agradeço todo o apoio e disponibilidade na elaboração dos instrumentos de recolha de dados utilizados neste trabalho e em todo o processo metodológico inerente. A sua ajuda foi preciosa e que muito contribui para os resultados alcançados.

Aos professores William Johnsen do United States Army War College, Christopher Gabel do Combined Arms Center, Huw Davies do Joint Services Command and Staff College, Capitão Joshua Silver da United States Military Academy, TCor Marquês de Sousa, Major Carlos Porto Alegre Rosa e Major Miguel Parrado Vázquez o meu obrigado. Sem o vosso apoio, este trabalho teria sido bastante mais difícil.

A história ensina-nos que o coletivo é mais forte que o individual. Por este facto e porque é de história este trabalho, uma palavra de apreço a todos os militares e civis com quem servi ao longo da minha carreira. Os seus exemplos são para mim referências de profissionalismo e abnegação.

Aos meus camaradas de curso, pela sã camaradagem, pelos incentivos, pela alegria transmitida na realização das tarefas ao longo desta caminhada o meu obrigado. Aos membros do “condomínio” de Pedrouços, um agradecimento especial pelo empenho colocado na organização das reuniões que muito contribuíram para atenuar as saudades de casa.

Aos funcionários da Messe de Pedrouços, uma palavra de agradecimento pela amabilidade demonstrada ao longo deste período.

Finalmente e não menos importante, à minha família, em particular à minha esposa Telma, e aos meus filhos Marta Sofia e Vítor Hugo um enorme obrigado pelo amor, carinho, compreensão e apoio incondicional que sempre demonstraram. Este trabalho também é vosso.



Índice

Introdução	1
1. O emprego da história militar pelo militar profissional	7
a. História militar	8
b. Profissão militar	10
c. Utilidade da história militar no desempenho do militar profissional	12
d. Síntese conclusiva	16
2. O ensino da história militar na formação dos oficiais das Forças Armadas	18
a. Reino Unido	19
b. Brasil	20
c. Espanha	21
d. Estados Unidos da América	21
e. Portugal	22
f. Análise	24
g. Síntese Conclusiva	28
3. A utilidade da história militar no desempenho das funções dos oficiais das Forças Armadas	30
a. Metodologia	30
(1) Objetivo do inquérito	30
(2) Caracterização da amostra	31
(3) Forma de lançamento	33
(4) Constrangimentos	33
b. Análise	33
(1) Caracterização das respostas	34
(2) Que história militar é estudada pelos oficiais	38
(3) Utilidade da história militar	40
(4) Que história militar os oficiais gostariam de estudar	42
c. Análise de dados recolhidos pelo método de <i>focus group</i>	44
(1) <i>Focus group</i> aos alunos da Academia Militar	44
(2) <i>Focus group</i> a oficiais superiores das Forças Armadas	45
d. Síntese conclusiva	46
Conclusões	47
Bibliografia	52



Índice de Apêndices

Apêndice A – Quadro síntese do ensino de história militar	Apd A - 1
Apêndice B – Inquérito aos Oficiais das Forças Armadas sobre a importância da história militar para o desempenho de funções	Apd B - 1
Apêndice C – Resumo de <i>focus group</i> a alunos da Academia Militar	Apd C - 1
Apêndice D – Resumo de <i>focus group</i> a Oficiais Superiores	Apd D - 1

Índice de Figuras

Figura nº 1 – Tempos de história militar nos Cursos de Formação Inicial	25
Figura nº 2 – Tempos de história militar nos Cursos de Promoção a Capitão	25
Figura nº 3 – Tempos de história militar nos Cursos de Promoção a Oficial Superior	26
Figura nº 4 – Tempos de história militar nos Cursos de Estado-Maior	27
Figura nº 5 – Distribuição da amostra	32
Figura nº 6 – Distribuição das respostas ao inquérito e rácio resposta/pedidos efetuados ..	34
Figura nº 7 – Distribuição percentual por postos das respostas face ao total obtido	35
Figura nº 8 – Distribuição por especialidades	35
Figura nº 9 – Distribuição por habilitações literárias	36
Figura nº 10 – Distribuição pela função atual	36
Figura nº 11 – Distribuição pela função anterior	37
Figura nº 12 – Participação em missões fora do Território Nacional	37
Figura nº 13 – Distribuição da forma de estudo da história militar	38
Figura nº 14 – Motivos para a leitura de história militar	39
Figura nº 15 – Distribuição por postos dos oficiais que nunca leram livros de história militar	39
Figura nº 16 – Utilidade da história militar no desempenho das funções	40
Figura nº 17 – Distribuição por postos dos oficiais que não beneficiaram com os conhecimentos de história militar	41
Figura nº 18 – Utilização da história militar	42
Figura nº 19 – A importância da história militar no desempenho profissional	42
Figura nº 20 – Fase na formação dos oficiais onde deve ser dada mais importância à história militar	43
Figura nº 21 – Tempo a dedicar à história militar	43
Figura nº 22 – A história militar nos cursos de formação	43
Figura nº 23 – O ensino da história militar	44



Índice de Tabelas

Tabela nº 1 – Amostra proporcional e representativa da Marinha	31
Tabela nº 2 – Amostra proporcional e representativa do Exército	32
Tabela nº 3 – Amostra proporcional e representativa da Força Aérea	32



Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar qual a importância da história militar na formação dos oficiais das Forças Armadas portuguesas. Através de uma consulta à bibliografia existente sobre o assunto, procurámos identificar qual o uso que os oficiais fazem da história militar no desempenho da sua profissão e de que forma este tem reflexo nos currículos da disciplina, nas escolas de formação militar. Numa fase subsequente, procurou-se saber que história militar os oficiais percecionam ser mais útil para a sua profissão.

Ao longo da investigação foi possível apurar que a história militar é importante para os oficiais, mas não isoladamente. Consideram que a história militar deve ser aplicada e servir como elemento condutor e de ligação entre as várias áreas do saber: da estratégia à liderança, da administração à tática.

No final do trabalho, propõem-se um conceito de “história militar de cariz profissional” adequado aos períodos de formação dos oficiais.

Palavras-chave

Oficial, Forças Armadas, História militar, Militar profissional.

Abstract

The purpose of the present work is to verify the importance of Military History concerning the preparation and education of the Portuguese Armed Forces commissioned officers. Starting with a bibliographical research, we pursued the use officers give to Military History during their professional commitment and the way this use is reflected in the military schools curricula. In a subsequent phase, we looked for the officers' perceptions on the utility of military history for the military profession.

During the research it was possible to obtain that military history is important but not in an isolated way. Officers believe that military history must have an applied character and it also must play a role by liaising different fields of military knowledge: from strategy to leadership; from administration to tactics.

We finish by proposing a concept of “professional military history” developed according the different stages of an officer formation and education.

Keywords

Officer, Armed Forces, Military history, Professional soldier.



Lista de Abreviaturas

ACSC	<i>Advanced Command and Staff Course</i>
AFA	Academia da Força Aérea
AM	Academia Militar
CCEME	Curso de Comando e Estado-Maior Exército
CGSOC	<i>Command and General Staff Officer Course</i>
CEM	Chefe de Estado-Maior
CEMC	Curso de Estado-Maior Conjunto
CEM-E	Curso de Estado-Maior Exército
CPC	Curso de Promoção a Capitão
CPOG	Curso de Promoção a Oficial General
CPOS	Curso de Promoção a Oficial Superior
EESPUM	Estabelecimentos de Ensino Superior Público Universitário Militar
EN	Escola Naval
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EUA	Estados Unidos da América
FA	Forças Armadas
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militar
JSCSC	<i>Joint Services Command and Staff College</i>
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NT	Nossa tradução
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
séc.	século
TE	Tempo Escolar
USAWAC	<i>United States Army War College</i>
USMA	<i>United States Military Academy</i>



Introdução

“Military history teaches us about honor, sacrifice, and the inevitability of conflict” (Hanson, 2007)

A disciplina de história militar tem sido omnipresente nos currículos das escolas de formação de oficiais com destino aos quadros permanentes da generalidade dos países ocidentais, pelo menos desde meados do século XIX¹. Este facto é indicador da importância que esta tem na formação dos futuros quadros e a importância que as instituições com responsabilidades pela sua preparação lhe conferem.

A história, mais especificamente a história militar ensinada nas escolas de formação deve ser adequada aos objetivos formativos da instituição, pelo que deve abordar conteúdos que permitam ao futuro oficial obter um conjunto de ferramentas adequadas e que lhe possibilitem cumprir a sua missão, aproveitando as vivências de outros indivíduos sujeitos a realidades semelhantes e retirando ensinamentos de ações passadas para enfrentar os desafios do presente.

Importa assim e dentro do percurso formativo dos oficiais das Forças Armadas (FA), avaliar em que medida o ensino da história militar e os seus conteúdos estão orientados para uma aplicação prática e passível de lhes serem úteis nas futuras tomadas de decisão. Como refere Liddell Hart (1970, p.7), em *Why don't we learn from history?*, “a história pode mostrar-nos o que evitar, mesmo que não nos diga o que fazer”². É assim justificado o presente trabalho de investigação, subordinado ao tema “A importância do ensino da história militar aos oficiais das Forças Armadas”, pretendendo-se avaliar em que medida o seu ensino é útil ao desempenho das funções ao longo da carreira e possíveis alterações ao atual modelo vigente em Portugal, de forma a adaptá-lo às necessidades que os oficiais sentem na execução da sua profissão.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o ensino da história militar e como objetivo geral pretende-se identificar a sua importância na formação dos oficiais das FA. Como objetivos específicos foram definidos os seguintes:

¹ Em 1818, a Academia Militar de West Point, inicia o ensino de história militar através da nomeação de um professor de Ética, História e Geografia pelo Superintendente da Academia, Sylvanus Thayer (West Point, n.d.). A entrada de oficiais na *Kriegsakademie* prussiana era precedida de exames de acesso, nomeadamente em história militar. Após a entrada na escola, o ensino da Tática ocupava o maior número de horas, ao que se seguia o de Estado-maior e de História (Herwig, 1998, p.68).

² Nossa tradução (NT).



- Identificar qual o uso da história militar pelo militar profissional;
- Analisar de que forma o uso da história militar tem reflexo nas estruturas curriculares da formação dos oficiais das FA;
- Identificar qual a história militar que os oficiais percecionem ser mais útil para o seu desempenho profissional.

O tema do trabalho delimita o seu estudo à categoria de oficiais. No sentido de melhor se compreender o papel da história militar no desempenho profissional, restringiu-se o estudo aos oficiais oriundos dos Estabelecimentos de Ensino Superior Público Universitário Militar (EESPUM) dos três Ramos das FA portuguesas³. Delimitou-se, de igual modo, a análise dos conteúdos curriculares das escolas de formação em vigor no ano letivo de 2014/15.

A metodologia utilizada neste trabalho é uma das preconizadas pelo Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), onde se estabelece uma questão central (QC), que orientará o desenvolvimento da investigação, de forma a atingir o objetivo geral:

QC – Qual a importância da história militar para os oficiais das FA?

No sentido de dar resposta aos objetivos específicos e facilitar a resposta à QC, foram formuladas três questões derivadas (QD):

QD 1 – Qual o uso da história militar pelo militar profissional no desempenho da sua profissão?

QD 2 – Qual a importância da história militar na formação dos oficiais das FA?

QD 3.- Que história militar serve aos oficiais das FA?

O percurso delineado para esta investigação, de forma a obter respostas às QD, atendeu ao facto que, de acordo com o ramo das FA a que o oficial pertence, este tem um percurso de formação, qualificação e ambiente de desempenho profissional diferenciado⁴. Desta forma, este trabalho pretende clarificar a utilidade do ensino da história militar nos diversos patamares da formação dos oficiais, a situação atual desse ensino e avaliar as potencialidades de desenvolvimento de ensino numa “história

³ A Portaria n.º 60/2014 de 27 de janeiro cria um modelo de governação comum dos EESPUM que a partir de 2016 levará à criação do Instituto Universitário Militar.

⁴ O oficial do Exército como desenvolve o seu trabalho no ambiente terrestre e em contato com a população que aí habita, tem necessidades diferenciadas do oficial da Marinha, cujo ambiente de trabalho é o marítimo e normalmente numa plataforma individualizada e sem contato direto com a população, assim como o da Força Aérea, que por norma, não tem presença permanente numa área geográfica, deslocando-se até ao objetivo e regressa à base.



militar de cariz profissional” adequada à audiência alvo e passível de ver aplicados os seus ensinamentos no exercício das funções a desempenhar pelos oficiais. Atendendo às premissas apresentadas, adotou-se uma estratégia metodológica essencialmente qualitativa, uma vez que nos dois capítulos iniciais se analisa o uso e o ensino da história militar, sendo também quantitativa no terceiro capítulo, onde se procura compreender, através de uma amostra de oficiais das FA, a autoperceção sobre a sua utilidade no desempenho profissional.

O tema relaciona a história militar com os oficiais das FA. Observa-se que a maioria dos autores, ao abordarem esta temática, relacionam-na, de alguma forma, com uma necessidade corporativa específica, neste caso dos militares. Desta forma, a investigação insere-se numa base conceptual de dois campos: por um lado, o objeto remete para o campo da história, mais especificamente a história militar; por outro, a relação desta com os seus agentes e destinatários, bem como os efeitos que se pretende que produza, remetem para o campo da sociologia, especificamente a sociologia profissional. Atendendo a esta sensibilidade, foram consultadas várias obras cujos autores abordam a temática da profissão militar, as suas especificidades e o relacionamento com poder militar e sociedade civil. Dentro desta temática destaca-se o livro de Samuel P. Huntington (1981), *The Soldier and the State*, onde são abordadas as dimensões da profissão militar e do seu papel na sociedade. Nesta obra, o autor explica a razão de ser no “corpo de oficiais” que se materializa o conceito de “militar profissional”. Ainda relativa à profissão militar, a obra de Morris Janowitz (1964), *The Professional Soldier*, complementar à obra de Huntington, ajudou a compreender o “ser oficial”. O livro de Sam C. Sarkesian e de Robert E. Connor Jr. (2006), *The US Military Profession into the Twenty-First Century* complementa as obras de Huntington e Janowitz, escritas nas décadas de 1960 e 1970, mantendo-se os seus conceitos aplicáveis ao oficial do século (séc.) XXI.

A nível nacional, Maria Carrilho (1985) é autora de um estudo sobre o papel dos militares na sociedade portuguesa do séc. XX, publicado com o título de *Forças Armadas e Mudança Política em Portugal no Séc. XX*. Também sobre este assunto, veja-se José Freire (2003) em *Homens em Fundo Azul Marinho*, sendo o seu objeto de estudo a Marinha Portuguesa. Ponto comum em ambos os autores nacionais é a sua visão da profissão militar e do militar profissional. Na essência, ambos recorrem e



seguem as teorizações da profissão militar e da relação civil-militar preconizadas por Huntington e Janowitz⁵.

Para entender o que é a história militar, consultaram-se artigos científicos, estudos e a bibliografia disponível. Complementou-se a recolha de informação com uma partilha de ideias, com os responsáveis pelo ensino da disciplina nos estabelecimentos de ensino militar nos Estados Unidos da América (EUA). Contudo, para assimilar o que é história militar, é necessário compreender o que é história. Neste sentido, E. H. Carr (1961) com o livro *What is History?*, permitiu uma primeira abordagem ao assunto e estabelecer a ponte para a compreensão do conceito de história militar. A obra de Williamson Murray e Richard Sinnreich (2006), *The Past as Prologue: The Importance of History to the Military Profession* permitiu uma primeira abordagem. O livro de Eric Muraise (2008), *Introduction a L'Histoire Militaire*, forneceu uma visão não anglo-saxónica do conceito.

Uma vez que o tema deste trabalho relaciona a história militar e a profissão militar, procurou-se saber em que medida estes estavam relacionados. Neste sentido, a obra de Murray e Sinnreich providenciou uma primeira relação. Alguns trabalhos forneceram informação complementar, das quais se destaca o ensaio de Michael Evans (DTIC online, 1997), *The Role of Military History in the Education of Future Officers* e de Paul K. Van Riper (2006), *The relevance of history to the military profession: an American Marine's view*, onde se descreve a importância do autoestudo no desenvolvimento das competências, bem como se efetua uma breve descrição das transformações do sistema de formação das FA norte-americanas e o crescente papel que a história militar tem vindo a assumir na formação dos oficiais ao longo dos respetivos cursos de formação, levando-nos a inquirir o motivo pelo qual as FA tecnologicamente mais evoluídas dedicarem tanta atenção ao seu estudo.

O estudo centra-se na história militar e, dentro desta, qual a que deve ser ensinada na formação dos oficiais das FA, e útil ao desempenho das suas funções. São os oficiais aquilo a que Huntington (1981, p.7) se refere como os “soldados profissionais”⁶, os portadores da passagem de testemunho. No caso nacional, os oficiais com a responsabilidade de “passarem o testemunho” são os formados pelos EESPUM: Escola Naval (EN), Academia Militar (AM) e Academia da Força Aérea

⁵ Voltaremos a este tema no capítulo seguinte.

⁶ NT.



(AFA). Estes estabelecimentos são os responsáveis pela formação de base e, numa fase posterior da carreira, cabe ao IESM a responsabilidade de continuar a formação.

Os desenhos curriculares dos EESPUM, nos respetivos anos letivos, visam satisfazer as necessidades dos futuros oficiais no exercício das suas funções. À semelhança de estabelecimentos ocidentais congéneres, o ensino da história militar é contemplado nos currículos da maioria dos casos, abordando temáticas diversas, com especial enfoque nas especificidades dos Ramos/Estabelecimentos onde é ministrada. Atendendo ao facto de o seu ensino ser transversal à maioria destes estabelecimentos, presume-se que esta seja útil no desempenho profissional. Sinnreich (2006, p.55) refere que ao contrário de outros profissionais que podem praticar a sua profissão e desenvolver as suas capacidades ao longo de uma curva de aprendizagem, o soldado profissional tem poucas oportunidades para aprender e praticar. Muitos dos comandantes, na que foi apelidada de “geração MacArthur”⁷ e que revolucionaram os assuntos da guerra, tiveram na história militar o seu laboratório (Evans, 1997, p.1).

Roger H. Nye (2002, p.vii), em *The Challenge of Command*, justifica-a com a necessidade de dar resposta às questões dos seus alunos militares, sobre o que deviam ler. No prefácio da sua obra, apresenta a resposta do General Paul F. Gorman sobre o que os militares deviam ler, que lhe respondeu história militar, para aprenderem sobre os desafios que poderão ter de enfrentar ao longo da sua carreira e de George S. Patton, que sucedeu ao seu pai no comando da 2nd *Armoured Division*, que aconselhou a leitura de obras sobre grandes comandantes, um guia para uma aprendizagem de como comandar unidades de combate.

Para dar resposta a todas estas interrogações, o trabalho encontra-se articulado numa introdução e três capítulos, aos quais correspondem três passos da investigação, seguidos das conclusões e propostas. No primeiro capítulo procura-se, através de uma revisão da bibliografia, identificar o uso da história militar pelos oficiais no

⁷ A geração do General Douglas MacArthur, de que fazem parte os Generais George S. Patton Jr., Dwight D. Eisenhower e Omar Bradley, apenas para citar alguns, foi um grupo que iniciou a carreira militar no início do século XX, com o final da era da cavalaria e terminou a sua carreira no início da era nuclear. Os seus membros combateram na Primeira Guerra Mundial e muitos foram os generais vitoriosos da Segunda Guerra Mundial. Através da história, aprenderam que cada comandante é único bem como o seu comando e que a guerra moderna apesar de evoluir com as inovações tecnológicas, é uma extrapolação de guerras passadas. Acima de tudo, aprenderam o *ethos* da sua profissão (Evans, 1997, p.1).



desempenho da sua profissão. No segundo capítulo analisa-se em que medida a sua utilização pelos oficiais tem reflexo nos conteúdos curriculares dos cursos de formação, nacionais e de países amigos. No terceiro capítulo, analisam-se as respostas ao inquérito e ao conteúdo das entrevistas em grupo sobre o sentimento que os oficiais têm da importância da história militar, pretendendo-se aferir qual a que serve os interesses dos oficiais no desempenho das tarefas que lhes são atribuídas. Nas conclusões é feita uma síntese da investigação e dá-se resposta às QD e QC, dando cumprimento ao objetivo deste trabalho.

No final deste trabalho, resultado das leituras efetuadas, da análise dos currículos de escolas militares e das opiniões recolhidas, apresentam-se contributos que possam conduzir a alterações na forma como a história militar é ministrada, adaptando-a às necessidades dos oficiais.



1. O emprego da história militar pelo militar profissional

“The problem with being too busy to read is that you learn by experience (or by your men’s experience), i.e. the hard way. By reading, you learn through others’ experiences, generally a better way to do business, especially in our line of work where the consequences of incompetence are so final for young men” (Mattis, 2013)

A vasta bibliografia disponível cujos títulos contêm as palavras “história” e “militar”, normalmente escrita por militares que redigem as memórias para a posteridade e como veículo de transmissão de experiências vividas, induz à reflexão quanto à sua utilidade. A possibilidade do oficial poder treinar todas as vertentes do combate e experienciar as prováveis reações, suas e dos homens e mulheres sob o seu comando é bastante limitada, pelo que o conhecimento sobre as peculiaridades da sua profissão é essencial, uma vez que o preço a pagar é geralmente bastante elevado.

Podemos pensar que a história, e a história militar em particular, nada têm para oferecer num mundo em constante transformação, tecnologicamente avançado e cada vez mais globalizado. No entanto, as recentes guerras travadas por forças que assentam a sua capacidade militar na tecnologia, contra adversários que utilizam as armas e as táticas das guerras da Primeira e Segunda Vaga, digladiando-se em campos de batalha onde o embate, além de bélico, é também civilizacional (Toffler & Toffler, 1994, p.26)⁸, obriga-nos a repensar a forma como encaramos o mundo atual e a nossa forma de fazer a guerra.

Os militares e particularmente os oficiais, com a responsabilidade de liderar e decidir em situações de extrema tensão, onde o risco à integridade própria e dos seus subordinados é uma constante, têm o dever de se preparar o melhor possível para um capaz desempenho, muitas vezes no centro de “choques civilizacionais” (Toffler & Toffler, 1994, p.26).

Face ao apresentado, vamos procurar dar resposta à QD 1: Qual o uso da história militar para o militar profissional no desempenho da sua profissão?

⁸ Designação atribuída por Alvin e Heidi Toffler (1994, p.26) aos exércitos de acordo com o tipo de sociedade que os origina e utilizada na obra “O Choque do Futuro” de 1970.



Decorrente desta questão identificam-se duas expressões que importa conceptualizar no quadro deste trabalho: história militar e profissão militar.

a. História militar

Liddel Hart (1970, p.4) no seu livro *Why don't we learn from History*, relembra que há cerca de dois mil anos, Políbio iniciava a sua obra *History* com uma chamada de atenção. Escreveu este que a “mais instrutiva, de facto o único método de aprender a suportar com dignidade as vicissitudes da fortuna, é relemburar as catástrofes dos outros”⁹. Liddel Hart complementa esta ideia, referindo que a história é a melhor ajuda, pois é um registo do que correu mal. Acrescentamos que a história é também o registo de factos positivos e que mesmo em tempos difíceis, existe esperança de um futuro melhor. Nas palavras de Maurice Matloff (1988, p.4), esta é um “registo do passado do homem, o estudo sobre o seu passado e pensamento crítico sobre esse passado”¹⁰ ao que Loureiro dos Santos acrescenta a perspetiva de entendimento do presente e perspetivação do futuro, na sua conceção de história referindo-a como tendo por

“objeto o passado e por finalidade o presente e o futuro, orientar-se-á na busca da definição dos referenciais que precederam o momento atual, na análise de forma e das causas da transformação desses referenciais e na pesquisa das interações dos homens e dos grupos de homens com os referenciais que os enquadraram” (Santos, 2010, p.16).

A história militar, em linha com o que Liddel Hart preconiza para a história, proporciona a melhor fonte de informação sobre os sucessos e insucessos dos nossos predecessores quando obrigados a enfrentar situações idênticas às que vivemos, ou uma forma de auxílio na compreensão das mesmas, numa perspetiva holística e não exclusivamente belicista e do combate em sentido restrito.

Diversos autores apresentam-nos o seu conceito de história militar. Uma das mais simples é apresentada por Michael Howard (1984) de que esta é a “história das forças armadas e da conduta da guerra”¹¹. Outra perspetiva é a apresentada Thomas Griess (1988, p.31), em que a história militar “se preocupa em como as nações se preparam para a guerra, como conduzem e terminam as guerras, como a preparação e

⁹ NT.

¹⁰ NT.

¹¹ NT.



o combate influenciam a população e como as nações regulam as Forças Armadas em tempo de paz”¹². Roger Nye em *The Challenge of Command* introduz a vertente comportamental do homem em combate, como sendo parte do objeto de estudo da história militar, caracterizando-a como um meio para

“aprender como um soldado pensa e age, para descobrir que os problemas de hoje já foram pensados no passado, para explorar a relação entre o soldado e o povo que serve, para apreciar a essência da coragem, para ver como outros lideraram as suas forças a atingir sucessos dramáticos com escassos recursos” (Nye, 2002, p.5)¹³.

Esta abordagem não é novidade, tendo já sido apresentada por John Keegan (1976) em *O Rosto da Batalha*, onde através de relatos, crônicas e diários de intervenientes diretos em três batalhas recorrentemente visitadas pela historiografia militar, Azincourt, Waterloo e Somme, descreve as experiências dos combatentes aos mais baixos escalões, os seus receios, as suas motivações e as vicissitudes do combate. Esta é uma abordagem inovadora face ao antecedente, onde a história militar era mais centrada nas ações dos generais e das grandes operações.

No entanto uma das definições mais abrangentes e a adotada neste trabalho é a de Geoffrey Best (1984, cit. por Howard, 1984), que tem a capacidade de sintetizar as várias dimensões da história militar, já apresentadas por Piero Pieri (1963) e a define como “a história do combate e dos meios de combate, organização e mentalidade militar, movimento e logística, armas e equipamento, planeamento estratégico, treino tático e do comportamento em combate.”¹⁴

Esta definição conjuga a história do combate, donde é possível extrair a componente do comportamento humano em situações extremas de luta pela sobrevivência e a carga psicológica inerente à circunstância de um ser humano tirar a vida a outro. É abrangente na abordagem às organizações militares envolvidas nas ações e das doutrinas de emprego da mesmas, enquanto instrumento de poder. No estudo do armamento e tecnologia empregue, relaciona-as com as evoluções tecnológicas da época e em que medida contribuem para o resultado do instrumento militar. O estudo do planeamento estratégico efetuado, permite compreender os objetivos do estado, não

¹² NT.

¹³ NT.

¹⁴ NT.



só através da aplicação da força militar, mas também do desenvolvimento económico e capacidade do mesmo para sustentar o instrumento militar, o estado do instrumento diplomático e quais os objetivos não alcançados que originam o recurso é força, e finalmente, o instrumento informacional que permite o planeamento e fornece os objetivos a alcançar para obter sucesso.

b. Profissão militar

A guerra enquanto ato de resolução de uma disputa por meio do recurso à violência, esteve sempre presente na humanidade. Se no início a guerra era uma atividade sazonal, a sua natureza tem vindo a mudar, transformando-a de uma atividade parcial para um trabalho a tempo inteiro. Não queremos com isto dizer que estamos sempre a combater, mas cuja preparação que requer é uma atividade demasiado complexa para ser encarada com amadorismo. Surge desta forma a profissão militar.

Enquanto profissão, implica a existência de “um grupo funcional com elevadas características de especialização” (Huntington, 1981, p.7)¹⁵. Ainda neste sentido Keegan (2006, p.17) considera que os “soldados não são como os outros homens”, tendo reconhecido este facto depois de uma vida dedicada à história militar e ao seu ensino.

Dois autores que se dedicaram a esta temática foram Morris Janowitz com o livro *The Professional Soldier* publicado em 1960 e Samuel Huntington com *The Soldier and the State* em 1957. Nestes estudos, dedicam-se a analisar a especificidade da profissão militar, as suas dimensões e a sua relação com a sociedade e o estado. Consideram que a profissão militar é a existência de um corpo de oficiais profissional, que se rege pelos valores da competência profissional, responsabilidade e espírito de corpo, aliada a um código de valores morais e vocação, que a torna singular no contexto das restantes profissões (Huntington, 1981, p.8; Janowitz, 1971, p.6). Huntington continua a sua pesquisa inquirindo qual a característica distintiva que a distingue das restantes profissões e resume a sua pesquisa com as palavras de Harold Lasswell: “a gestão da violência” (1941, cit. por Huntington, 1981, p.11)¹⁶.

Para que a organização militar obtenha sucesso no emprego das suas forças, estas têm de estar treinadas e equipadas, as suas atividades devem estar planeadas e ser

¹⁵ NT.

¹⁶ Artigo publicado no *American Journal of Sociology*, (1941), Volume XLVI, pp.455-468.



dirigidas em combate e fora dele. A responsabilidade destas tarefas recai no oficial, sendo sobre os seus ombros que repousa o encargo do cumprimento da missão de uma força militar, que é “o sucesso do combate armado” (Huntington, 1981, p.11)¹⁷.

Maria Carrilho (1985) em *Forças Armadas e Mudança Política em Portugal no Séc. XX* apresenta uma perspetiva nacional da profissão militar¹⁸. Ao analisar o papel dos militares no contexto político nacional, aborda os trabalhos de Huntington e Janowitz. Huntington ao defender a tese de que “o moderno corpo de oficiais é um corpo profissional e o moderno oficial militar é um profissional” (Huntington, 1981, p.7, cit. por Carrilho, 1985, p.47), sendo o profissionalismo o que distingue o oficial atual dos antigos guerreiros, acrescentando Carrilho (1985, p.48) que só os “oficiais de carreira relacionados com a gestão da violência são membros da profissão militar”.

Segundo Carrilho (1985, p.49), Janowitz afasta-se da estrutura rígida de Huntington, em virtude da crescente evolução tecnológica. Janowitz distingue a existência de vários papéis: o heróico, o administrativo e o técnico, admitindo a existência de primazia de um ou outro de acordo com a época e a conjuntura. No entanto na continuação do seu trabalho, Carrilho (1985, p.69) adota a visão de Huntington dos “profissionais incontestados, ou seja, os oficiais – aqueles que se definem pelo atributo do comando”.

Numa perspetiva mais contemporânea, podemos definir que

“o termo “profissão militar” se refere primariamente ao corpo de oficiais das forças armadas e homens e mulheres alistados particularmente aqueles de elevada graduação (...) É o corpo de oficiais que é responsabilizado pela eficiência e carácter da instituição militar.

¹⁷ NT.

¹⁸ O número de trabalhos realizados em Portugal e que abordam esta temática é ainda bastante reduzido. Outros trabalhos no mesmo campo são os de João Freire em *Homens em Fundo Azul Marinho* (2003), em linha com a perspetiva de Maria Carrilho, Huntington e Janowitz sobre o papel dos militares e dos oficiais na sociedade. Outro autor que aborda esta temática é Medeiros Ferreira em *O Comportamento Político dos Militares. Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no século XX* (1992) onde refere de forma sumária a reestruturação do Corpo de Estado-Maior e a subordinação da elite castrense ao poder político (António Salazar). Destaca-se a existência da linha de investigação *O Corpo de Estado-Maior: Apogeu e Queda* no ISCTE-IUL onde os trabalhos apresentados focam esta temática. Vigorou entre 2011 e 2013.



Assim, a profissão militar e o corpo de oficiais tornam-se virtualmente sinónimos” (Sarkesian & Robert E. Connor, 2006, p.25)¹⁹.

Face ao apresentado anteriormente, no âmbito deste trabalho considera-se que a profissão militar é uma atividade distinta das restantes, uma vez que tem por objeto a gestão da violência, sendo os oficiais os responsáveis pelo modo como a instituição militar cumpre a sua missão e se relaciona com a comunidade na qual se insere. Na continuidade do argumento apresentado por Huntington, e Carrilho, os oficiais são os profissionais incontestados e por isso considerados militares profissionais.

c. Utilidade da história militar no desempenho do militar profissional

A profissão militar, atendendo às suas especificidades, obriga a uma preparação diferenciada para o seu exercício. Não permite que os responsáveis pela administração da sua execução, os oficiais possam praticar a guerra em contexto real como as outras profissões, pelo que podem recorrer à história como forma de adquirir conhecimentos sobre boas e más decisões que outros oficiais fizeram antes de si, em situações semelhantes. Nas palavras de James Mattis:

“Em última análise, a real compreensão da história significa que não enfrentamos nada de novo sob o sol. Apesar de toda a "Guerra de Quarta Geração", dos intelectuais a dizer que a natureza da guerra mudou significativamente, que as táticas são totalmente novas, etc., devo respeitosamente dizer: “Não é verdade.” (...) os nossos líderes ao irem para esse combate, fazem um mau serviço ao não estudarem (estudar ao invés de apenas ler) os homens que foram antes de nós. Estamos a lutar neste planeta há 5000 anos e devemos tirar proveito de sua experiência. “Improvisar” e encher sacos para cadáveres lembra-nos os ditames morais e os custos de incompetência na nossa profissão.” (Mattis cit. por Murray & Sinnreich, 2006, p.7)²⁰.

Keegan (2009, pp.34-35;160) descreve a educação de Alexandre, o Grande, e como a influência da leitura da *Iliada* moldou o seu carácter e a forma como se idealizava a si e ao combate, o modo como enfrentava os perigos da batalha, como liderava e inspirava os seus homens para o combate. Estes traços de personalidade

¹⁹ NT.

²⁰ NT.



serviram de inspiração para muitos outros líderes militares, desde Júlio César, Napoleão ou Hitler.

Um oficial da “geração MacArthur”, George S. Patton Jr., adquiriu o hábito de manter um registo das suas atividades diárias desde os tempos de cadete em West Point. Patton era um leitor ávido, um estudante devotado de História e um escritor de talento e felizmente as suas memórias foram publicadas e podemos constatar, através das suas palavras, onde ia buscar a inspiração e exemplo. Para Patton, o “passado era a porta de entrada para o futuro e o cuidadoso estudo de experiências por outros vividas eram uma orientação para os problemas do dia-a-dia” (Atkinson, 1995, p.xiii)²¹. Entrou em França lendo *The Norman Conquest*, estudando as estradas utilizadas por Guilherme, o Conquistador, cerca de um milénio antes, pois “as estradas utilizadas naqueles tempos teriam de ser em terreno que fosse sempre utilizável” (Patton cit. por Atkinson, 1995, pp.xiii-xiv; Patton Jr., 1995, p.92)²², ou quando anima os seus generais em momentos difíceis, recorrendo a exemplos históricos para o demonstrar (Patton Jr., 1995, p.134).

Roger Nye separa a tipologia de leituras que aconselha aos militares em geral e aos oficiais em particular, de acordo com os objetivos ou função de cada um. Divide-as com a intenção de se obter uma visão de como ser enquanto militar, os desafios que o exercício do comando enfrenta, o papel do comando aos mais baixos escalões, utilizando para o efeito o escalão tático companhia, o comandante como um tático, como guerreiro, como árbitro moral, como estrategista, o conceito de dever do comandante, e, no final, o comandante enquanto mentor dos homens e mulheres sob o seu comando. Defende que leitura das biografias dos grandes comandantes permite

“aprender como o soldado pensa e age, descobrir que os problemas de hoje já foram pensados anteriormente, explorar a curiosa relação entre o soldado e o povo que serve, apreciara a essência da coragem, ver como outros lideraram as suas forças em sucessos dramáticos com recursos escassos” de forma a “construir visões de excelência.” (Nye, 2002, p.5)²³.

²¹ NT.

²² NT.

²³ NT.



No sentido de complementar a formação nas vertentes apresentadas por Nye e atingir a excelência no desempenho, Paul K. Van Riper (2006, pp.35-45), general do Corpo de Marines dos EUA, apresenta o seu percurso de estudante de história militar, referindo que esta assumia um papel central no ensino e formação das escolas militares da década de 1920, sobretudo nos cursos cujo foco eram as operações e a estratégia, e o valor que alguns dos principais comandantes da Segunda Guerra Mundial atribuem à história militar na sua formação. No seu caso pessoal, apresenta o exemplo de como o livro *Men's Against Fire: The Problem of Command in Future War*, de S. L. Marshall, o influenciou, e de como procurou implementar as suas anotações ao livro no treino da sua unidade. Para melhorar o seu desempenho tático e de liderança, leu *Infantry Attacks* de Erwin Rommel e, no âmbito do pensamento estratégico, a leitura recaiu sobre *Makers of Modern Strategy: Military Thought from Machiavelli to Hitler* de Edward Earle e *The Theory and Practice of War* de Michael Howard, apenas para citar alguns exemplos²⁴.

No entanto, o aspeto que mais chama a atenção, é o seu alerta para a miopia que as FA dos EUA, e sobretudo o seu sistema de ensino, sofreu no período após a Segunda Guerra Mundial, onde a arma nuclear negaria qualquer valor ao estudo do passado, levando muitos historiadores militares a questionarem a importância da sua área. Apresenta a forma como Walter Millis (1961, pp.16-18) coloca em causa a utilidade de se ensinar as estratégias e táticas de comandantes do passado a uma geração que está a ser treinada para “gerir o colosso militar de hoje”. Este entendimento levou a que os currículos das escolas militares fossem preenchidos com disciplinas relacionadas com a guerra nuclear, ciências exatas e de gestão, levou a que a geração de jovens oficiais que combateu na guerra do Vietname “tenha pago um preço elevado por uma visão miópica, pelo enfase indevido dado à ciência da guerra em detrimento da arte da guerra”. Ideias similares às do fim do segundo conflito mundial começam a surgir, agora com o enfase colocado nas tecnologias de informação, sistemas automáticos de comando e controlo e toda uma panóplia de

²⁴ Sobre a necessidade de estudo permanente, apresenta a construção de uma lista de leitura orientada para a profissão militar. Esta prática tem continuidade com os comandantes das FA dos EUA a divulgarem as suas “listas de leitura profissional” como forma de os “líderes aumentarem o seu conhecimento sobre a história do Exército, o contexto estratégico global e as lições contínuas da guerra (...) para obter um compromisso em ler, refletir e aprender sobre a nossa profissão e o Mundo.” (Schoomaker, 2013)



vantagens associadas à superioridade tecnológica ameaçam cometer o mesmo erro, não aprendendo com a história (Riper, 2006, pp.36;53-54).

Como referido anteriormente, a história militar tem como objeto o passado de modo a melhor compreendermos o presente e nos prepararmos para o futuro. Um exemplo do uso da história militar pelas FA do Reino Unido é o apresentado no livro *Big Wars and Small Wars, The British Army and the lessons of war in the twentieth century*, onde este refere ao modo como o Exército Britânico se tem vindo a adaptar às alterações do campo de batalha e da forma de fazer a guerra, incorporando as lições aprendidas, preparando-se para a próxima. No entanto aponta alguns problemas, relacionados com a reclamação de derrotas como vitórias, e critica a visão seletiva da história pelos historiadores militares britânicos (Strachan et al., 2006, p.4).

Outra vertente, menos conhecida e explorada, é a que relaciona a história militar com os fatores psicológicos em combate. A maioria da bibliografia existente debruça-se sobre a ação dos comandantes em confronto, particularmente nas batalhas mais importantes. São poucos os autores que se dedicam à vertente psicológica do combatente, quais os receios e motivações que o impelem a cumprir ordens que colocam a sua vida em perigo. Um dos primeiros a aventurar-se neste campo é John Keegan (1976) com *O Rosto da Batalha* onde pretende dar uma perspetiva da batalha, que não a das movimentações dos exércitos e das decisões dos generais, mas a das pequenas ações realizadas pelos seus intervenientes diretos, os soldados e os oficiais de baixa patente²⁵.

Não nos podemos esquecer que os comandantes são indivíduos com uma história de vida, sujeitos a um processo de aprendizagem e influência externa, pelo que as experiências por que passa, vão moldando o seu carácter e capacidade de julgamento. Em *Psicologia da Incompetência dos Militares*, Norman Dixon (2005) procura mostrar através de exemplos históricos, que na maioria dos casos os motivos para a incompetência militar são devidos a fatores psicológicos, ao invés de intelectuais.

Richard Holmes (1989) no livro *Acts of War, The Behaviour of Men In Battle*, em linha com os trabalhos de Keegan, amplia o seu estudo neste campo. Pretende com

²⁵ Campo da história cuja comunidade científica só começou a despertar na década de 1960, pela mão de historiadores indianos do grupo de Dipesh Chakrabarty, dedicado à história do “subalterno” (Biswas, 2009).



a sua obra dar uma contribuição científica sobre a forma como a instituição militar integra os novos membros, os molda para que os traços de individualidade sejam reduzidos e se transformem numa unidade coesa, a sua participação em combate, como este os afeta e quais as consequências futuras²⁶.

Num período onde o terrorismo e o seu combate estão na ordem do dia, poderá a história apontar-nos alguns caminhos para o futuro? Christopher C. Harmon (2006) em *What history suggests about terrorism and its future* apresenta-nos uma visão sobre os motivos para a ocorrência do terrorismo, como este funciona e cinco métodos de o combater, ao mesmo tempo que ilustra os seus argumentos com exemplos históricos, concluindo com uma perspetiva do futuro do terrorismo e de como este continuará a afetar as democracias e estados moderados.

d. Síntese conclusiva

Ao longo deste capítulo analisámos o emprego da história militar pelo militar profissional. Para a prossecução deste objetivo definimos os conceitos de história militar e profissão militar, tendo concluído que os oficiais são os militares profissionais, os responsáveis pela edificação, manutenção e emprego da instituição militar. Sobre eles recai o ónus de assegurar o cumprimento e continuidade de um código de conduta e a transmissão do *ethos* profissional. Numa fase posterior, apontaram-se exemplos de como o conhecimento de história militar é passível de ser empregue pelos militares no desempenho da sua profissão. Os exemplos apresentados procuraram abranger não só as vertentes “mecânicas” da guerra no sentido Jominiano do termo²⁷, mas também o seu aspeto psicológico. No entanto e independentemente das ameaças, convencionais ou não convencionais, proliferando nas últimas décadas as segundas, continua a poder-se recorrer à história militar como praticamente o único local onde se encontram respostas para as questões militares pertinentes do presente.

Pelo apresentado neste capítulo podemos dar resposta à QD 1, “Qual o uso da história militar para o militar profissional no desempenho da sua profissão?” afirmando que a história militar é utilizada pelos militares profissionais, os oficiais, no

²⁶Em Portugal e como pano de fundo a Guerra Colonial, ver *Quotidianos da Guerra Colonial* de Carlos Matos Gomes em *Nova História Militar de Portugal* (2004) Volume 5, Círculo de Leitores, pp. 136-173.

²⁷Referimo-nos à Estratégia e à Tática (Jomini, 1862).



seu desempenho profissional, como forma de se prepararem para a guerra, fim último da sua profissão, através das experiências passadas.



2. O ensino da história militar na formação dos oficiais das Forças Armadas

“The difficulty that history presents to today’s professional officer begins with its place in the intellectual framework of the modern world. Since the Renaissance, it has been an important, but for the most part, a peripheral discipline. Yet, for the ancients, it was central to their understanding of the world” (Murray, 2006, p.81)

No capítulo anterior através das palavras de Paul Riper, tivemos consciência da forma como a arma nuclear levou a que a história militar perdesse importância no contexto dos currículos das escolas de formação durante as décadas de 1950 e 1960, com as consequências nefastas que tiveram na geração de oficiais que combateram a guerra do Vietname e que motivaram uma profunda revisão do sistema de ensino militar das FA dos EUA²⁸.

Neste capítulo vamos verificar como a importância da história militar, apresentada no capítulo anterior, tem reflexos na formação dos oficiais ao longo da carreira. Deste modo, procuramos responder à QD2: Qual a importância da história militar na formação dos oficiais das FA?

Para que os resultados desta investigação fossem abrangentes, tentou-se analisar países com passados semelhantes, de forma a poder inferir a existência de tendências nos métodos de ensino ou nos objetivos de curriculares. Foram encetados contactos com as escolas militares de vários países, tendo-se obtido poucas respostas. Apesar das dificuldades encontradas e para se atingir o objetivo a que nos propusemos, analisaram-se os conteúdos curriculares de história militar dos estabelecimentos de ensino militar do Reino Unido, Brasil, Espanha, EUA e Portugal, tendo-se limitado a análise aos cursos ministrados no Exército e de natureza conjunta²⁹.

²⁸ A visão apresentada é a dos EUA, mas que, mesmo assim, é uma visão que não deixou de contagiar outros países. Ressalva-se a exceção do Coronel Maurice Suire, que viu importância prática na história militar profissional numa altura em que os EUA estavam focados no nuclear e em que os franceses tinham sido derrotados da Indochina e estavam prestes a sê-lo na Argélia. Publicado inicialmente em 1964 sob o pseudónimo de Eric Muraise, *Introduction a L’Histoire Militaire*, foi reeditado em 2008.

²⁹ O processo de escolha dos países a analisar deveu-se sobretudo ao idioma, disponibilização da informação e tempo disponível para a tratar. Os EUA e Reino Unido, como países com longa tradição e experiência em operações, a França como potência militar europeia e não anglo-saxónica, a que se



a. Reino Unido

O Exército Britânico tem uma longa tradição, que remonta a 1650, sendo o Regimento dos Coldstream Guards a unidade mais antiga em funções contínuas desde a sua criação (British Army, 2015).

Ao longo da sua existência, a formação dos oficiais tem passado por diversas modalidades, como nos é apresentado por Anthony Clayton (2006), em *The British Officer – Leading the Army from 1660 to the present*. O ensino da história militar desempenhou um papel marginal na formação dos oficiais até à criação do Joint Service Command and Staff College (JSCSC) em 1988. Contrariamente às FA dos EUA, não existe uma tradição de utilização de "historiadores"³⁰ nas unidades em operações, sendo estes mais empregues na resolução de questões ligadas a tradições e precedências (Strachan et al., 2006, p.4).

Atualmente, a formação inicial dos oficiais do Exército é da responsabilidade da Royal Military Academy Sandhurst. Durante o curso de 48 semanas, o departamento de *War Studies* tem a responsabilidade de ministrar palestras e seminários, cobrindo cinco áreas de interesse: teorias da guerra, guerra de manobra, operações expedicionárias, subversão e contrassubversão e *officership*³¹. O ponto alto da formação ministrada pelo departamento, é o exercício *Normandy Scholar*, em que os oficiais passam dois dias na Normandia, em cenários de situações ocorridas na operação *Overlord*, onde lhes são solicitadas respostas para problemas táticos ocorridos em 1944, sendo-lhes no final apresentada a modalidade adotada. No final do curso, devem entregar um ensaio de 2000 palavras (British Army, 2015).

juntou a Bélgica e a Holanda. As escolas do Reino Unido têm alguma informação nas suas páginas oficiais e obteve-se uma resposta à mensagem de correio eletrónico enviada. Os EUA disponibilizaram toda a informação solicitada e mantiveram-se disponíveis no apoio à continuidade dos trabalhos. Os interlocutores belga e francês não responderam ao pedido e o holandês não tinha a possibilidade de disponibilizar a informação. Recorreu-se a um plano alternativo, utilizando os bons ofícios dos oficiais do Brasil e Espanha a frequentar o Curso de Estado-Maior Conjunto 2014/2015, para providenciar a informação necessária à continuidade deste trabalho.

³⁰ No conceito americano de utilização de pessoal especializado nas unidades em operações, cuja função é registar aos acontecimentos, passando estes a ser considerados história oficial.

³¹ A tradução literal seria "oficialato". No entanto optou-se por manter a terminologia original, uma vez que a tradução não transmite o conceito original e o que este incorpora: o *ethos*, comando, liderança, comportamento e valores intrinsecamente ligados ao ser oficial.



O JSCSC é o responsável pelo ensino pós-graduado aos oficiais das FA britânicas. Neste estabelecimento são ministrados, entre outros, o *Intermediate Command and Staff Course* (ICSC), o *Advanced Command and Staff Course* (ACSC) e o *Higher Command and Staff Course* (Defence Academy, 2015). A história militar tem uma forte componente no currículo destes cursos, com especial atenção no ACSC, onde apesar de não haver aulas presenciais, é pedido que os alunos elaborem um ensaio de 6000 palavras sobre uma campanha, desde a Primeira Guerra Mundial à Guerra das Falklands. Posteriormente, os alunos devem relacionar o seu estudo com os conceitos de planeamento de operações conjuntas da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) (Davies, 2015)

b. Brasil

A Academia Militar Agulhas Negras fundada é responsável pela formação inicial dos oficiais do Exército Brasileiro, cujo curso tem uma duração de quatro anos letivos. Ao longo deste período é ministrada a disciplina de História Militar Geral, na qual se relacionam os princípios da arte da guerra e sua aplicação ao longo da história, de forma a entender a evolução da doutrina, os valores e as tradições dos exércitos ao longo do tempo. A disciplina de História Militar Brasileira tem os mesmos objetivos da anterior, mas numa aplicação restrita ao Exército Brasileiro, num total de 120 tempos escolares (TE) (AMAN, 2014, p.9; 16).

O Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais decorre na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e tem uma duração de dois anos letivos, sendo o segundo presencial (Exército Brasileiro, 2013). No primeiro ano, a disciplina de História Militar com 75 TE, aborda os fundamentos da história militar, história militar do Brasil e metodologia da pesquisa histórica. No segundo ano, o número de TE é reduzido para 20 e são tratadas as batalhas e a evolução da doutrina de emprego da força terrestre (DFA, 2010).

A Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME) tem a responsabilidade de ministrar, entre outros, o Curso de Preparação à ECEME, com a história a centrar a sua atenção no estudo da evolução da arte da guerra e da doutrina militar brasileira, analisar as campanhas e batalhas onde o Exército Brasileiro tenha estado envolvido no plano interno e externo, relacionando-a com o mundo contemporâneo, sendo-lhes dedicados 240 TE (DFA, 2009).

O Curso de Comando e Estado-Maior (CEME) tem uma duração de dois anos letivos e são ministrado três módulos de história militar com 61 TE, onde se abordam



os conflitos e guerras na historiografia militar contemporânea, através de estudos de caso sobre operações táticas e estratégicas (ECEME, 2010).

O Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército tem o objetivo de habilitar oficiais para assessoria aos mais altos escalões dos Ramos das FA, do Ministério da Defesa e de Órgãos do Poder Executivo (ECEME, 2014). O programa do curso não contempla TE dedicados à história militar.

c. Espanha

A Academia General Militar tem a responsabilidade de formação dos oficiais com destino ao Exército Espanhol. O ensino de história decorre durante o quarto ano letivo na disciplina de História do Exército, e visa dar a conhecer as origens do Exército espanhol, as campanhas em que participou e a evolução do armamento ao longo do tempo (DEET, 2011, p.19).

Para serem promovidos ao posto de major, os oficiais têm de frequentar o *Curso de Promoción a Comandante del Ejército de Tierra*. Ao longo de dez TE, são abordadas as origens do pensamento militar desde a antiguidade até ao presente.

A tarefa de lecionar o *Curso de Estado Mayor de las Fuerzas Armadas* recai na Escuela Superior de las Fuerzas Armadas. O curso tem uma natureza conjunta, com os restantes Ramos das FA espanholas e da Guardia Civil e uma duração de dois semestres letivos, havendo um período de adaptação prévio. O módulo de História pretende dar a conhecer a história das relações internacionais para que no futuro sejam adotadas as melhores decisões no campo das operações militares a conduzir no exterior (ESFA, 2010, pp.IV-11).

O *Curso de Actualización Desempeño Cometidos Oficial General* é também ministrado na Escuela Superior de las Fuerzas Armadas e tem uma duração de sete semanas não contemplando matérias no âmbito da história militar (ESFA, 2012)

d. Estados Unidos da América

A United States Military Academy (USMA) foi a primeira escola de engenharia dos EUA, precedendo os programas das universidades de Harvard e Yale (USMA, n.d.). O curso tem uma duração de quatro anos e o ensino de história militar decorre durante dois semestres, com um total de 80 TE, onde são exigidas 35 a 50 páginas de leitura prévia como preparação (Silver, 2015). O seu objetivo geral é dar a cada futuro oficial, a capacidade de compreender a evolução do modo ocidental de fazer a guerra, desde a Grécia Antiga à atualidade (MADN-HIST, 2014a; MADN-HIST, 2014b)



Para ascender ao posto de capitão, os oficiais do exército frequentam o *Maneuver Captains Career Course* com uma duração de 22 semanas, onde não é ministrada história militar.

O Combined Arms Center (CAC) localizado em Fort Leavenworth é atualmente considerado o centro intelectual do Exército dos EUA (USCAC, n.d.). Da agregação de estabelecimentos que formam o CAC, o Command and General Staff College (CGSC) é composto por quatro escolas, onde a responsável por ministrar o *Command and General Staff Officers' Course* (CGSOC) aos maiores do exército é a Command and General Staff School (USCAC, 2014). O curso compreende uma cadeira de história militar ministrada a todos os alunos do CGSOC, com 24 TE, e que pretende dar uma perspetiva da evolução do modo ocidental de fazer a guerra. Existem duas disciplinas adicionais, num total de 36 TE, dirigidas aos alunos que frequentam o *Advanced Operations Course*, onde se pretende conferir as ferramentas necessárias para a utilização da história como ferramenta de apoio à decisão em situações futuras (CGSS, 2012a, pp.1, 7; CGSS, 2012b, pp.5-6; Gabel, 2015)

O U.S. Army War College (USAWC) foi criado como forma de suprimir as falhas observadas durante a guerra hispano-americana, tendo o primeiro curso formado seis capitães e três maiores em 1904 (USAWC, n.d.). O curso tem a duração de um ano letivo onde a história militar está integrada em todo o currículo do curso. A sua aplicação é variada, sendo utilizados exemplos históricos para ilustrar conceitos, teorias, elementos chave no planeamento estratégico e operacional, liderança e na compreensão da segurança nacional e da estratégia. Pretende-se que o aluno “pense história, compreenda a sua natureza, saiba pensar de forma crítica sobre história, tenha conhecimento dos conceitos chave e reconheça o seu valor prático” (Johnsen, 2015).

e. Portugal

A formação inicial dos futuros oficiais do Quadro Permanente das FA é ministrado na EN, AM e AFA.

A EN situa-se no Alfeite e durante o curso é ministrada a disciplina de História Naval com 45 TE, na qual se pretende dar a conhecer a evolução naval ao longo da história, o seu uso pelos povos e as consequências do uso do poder naval para a estrutura das sociedades (EN, 2007).

A AM está situada em Lisboa e no primeiro ano do curso, os futuros oficiais têm a disciplina de História de Portugal com 45 TE, cujo objetivo é analisar e explicar a evolução nacional nos últimos cinco séculos, salientando os principais aspetos das



vertentes económica, política e social (AM, 2014a)³². Sucedem-lhe duas disciplinas de história militar com 75 TE, para dar a conhecer as principais transformações militares ocorridas ao longo da história (AM, 2014c; AM, 2014d). Aos alunos das engenharias e de administração militar é ministrada a disciplina de História Militar com 45 TE, onde abordam as transformações militares ao longo da história, de forma mais superficial que os restantes cursos (GABCEME, 2013; AM, 2014b).

A AFA situa-se na região de Sintra e ao longo da sua formação, os alunos frequentam a disciplina de História Militar e da Aviação Militar, com 64 TE, que pretende fornecer conhecimentos de história militar e da aviação contemporânea, incidindo essencialmente nos conflitos armados onde Portugal esteve envolvido (AFA, 2014).

A fase seguinte na formação dos oficiais do Exército e da Força Aérea passa pela frequência do Curso de Promoção a Capitão (CPC) onde não são ministradas disciplinas de história militar.

O IESM³³ tem a responsabilidade de ministrar o Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS), Curso de Estado-maior Conjunto (CEMC) e o Curso de Promoção a Oficial General (CPOG) aos oficiais das FA³⁴. Todos estes cursos têm a duração de um ano letivo.

O CPOS contempla a disciplina de História Militar de Portugal e tem como objetivo geral “compreender o pensamento estratégico português e as características que assumiu o instrumento militar enquanto contributo para a sua materialização, tendo em consideração os contextos político, social, económico e cultural de cada período histórico” num total de 28 TE (IESM, 2014a, pp.A-23). Os oficiais selecionados para a frequência do CEMC³⁵, vão ter, na cadeira de História Militar e nos seus 23 TE, uma “plataforma de estudo da estratégia militar e do emprego de

³² Os cursos aí ministrados têm uma duração de cinco anos letivos, com exceção dos cursos ligados às engenharias e de medicina, cuja duração é de sete anos (AM, 2008)

³³ O IESM resulta da extinção do Instituto Superior Naval de Guerra, do Instituto de Altos Estudos Militares e do Instituto de Altos Estudos da Força Aérea (MDN, 2005).

³⁴ É também responsável por ministrar o CPOS e CEMC aos oficiais da Guarda Nacional Republicana. No âmbito deste trabalho apenas serão considerados os oficiais das FA.

³⁵ Os oficiais do Exército têm previamente de frequentar o Curso de Estado-Maior Exército (CEM-E), durante um semestre (para informação adicional, consultar Plano de Curso do Curso de Estado-Maior Exército (IESM, 2012, pp. I-SI-7, I-SI-14).



forças” (IESM, 2014b, pp.I-I-4, I-I-A-2). O CPOG não contempla o ensino de história militar.

f. Análise

Para sistematizar os dados e permitir a análise dos conteúdos e fichas curriculares das disciplinas de história militar, ao longo dos cursos de progressão na carreira, a sua duração total, os objetivos gerais e os TE que lhe são dedicados (Apêndice A). Os dados obtidos permitem retirar algumas conclusões quanto à importância que os respetivos países atribuem ao ensino da disciplina, nos cursos ministrados aos oficiais ao longo da sua carreira

Na formação inicial, verificam-se semelhanças entre os países analisados no que aos tempos e conteúdos ministrados. O Brasil, EUA³⁶ e Portugal (AM) dão ênfase ao ensino da história do país, abordando superficialmente alguns aspetos de história militar geral. O Brasil e os EUA abordam nas disciplinas de história militar a evolução da guerra e forma de combate desde a antiguidade até à atualidade, focando-se na forma ocidental da guerra, ministrando estas cadeiras durante o segundo ano do curso, com os EUA a adotarem o modelo de apresentação de casos históricos para ilustrar eventos de sucesso e insucesso da força militar, da ação de comando e da liderança. O Reino Unido, fruto da curta duração do curso, dedica-lhe pouco tempo. No entanto a participação de professores eminentes nas palestras e a realização do exercício na Normandia, sensibilizam os alunos para a continuação do estudo de história militar.

Portugal adota um conceito semelhante, iniciando o estudo no período medieval e divide as cadeiras de história militar entre o segundo e terceiro anos de curso, sendo o único a fazê-lo e Espanha foca o seu ensino na origem, conflitos e transformações vividas pelo Exército espanhol.

³⁶ Os EUA têm na disciplina de *History of the United States* um currículo semelhante. Além das disciplinas oficiais, os alunos podem optar por cursos opcionais no âmbito da História Americana, História Internacional ou História Militar.

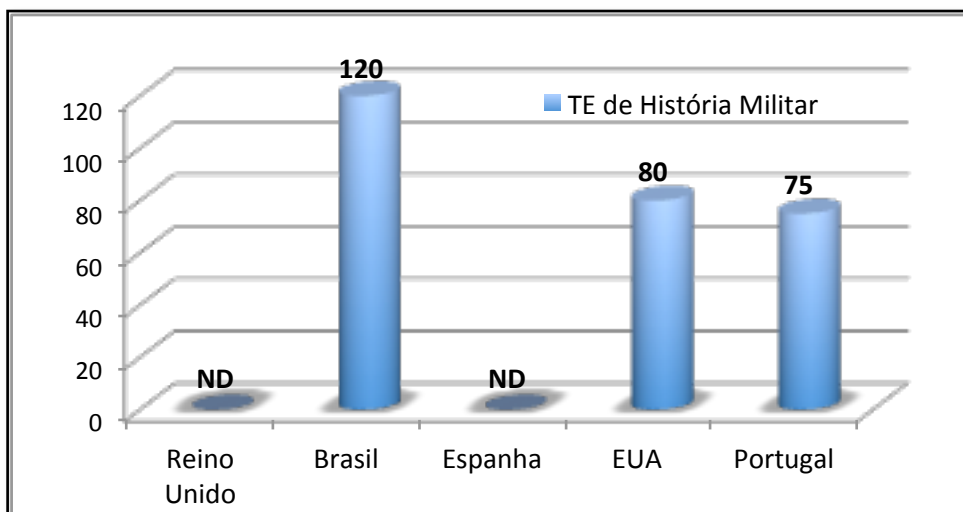


Figura nº 1 – Tempos de história militar nos Cursos de Formação Inicial
Fonte: (Autor, 2015)

A fase seguinte na carreira dos oficiais é a promoção ao posto de capitão. No Brasil, EUA e Portugal é exigido aos oficiais que frequentem com aproveitamento um curso de promoção. Apenas no curso ministrado no Brasil está contemplado o ensino de história militar, abordando-se maioritariamente aspetos da história militar brasileira, sendo também ministrados fundamentos teóricos para a sua pesquisa e estudo.

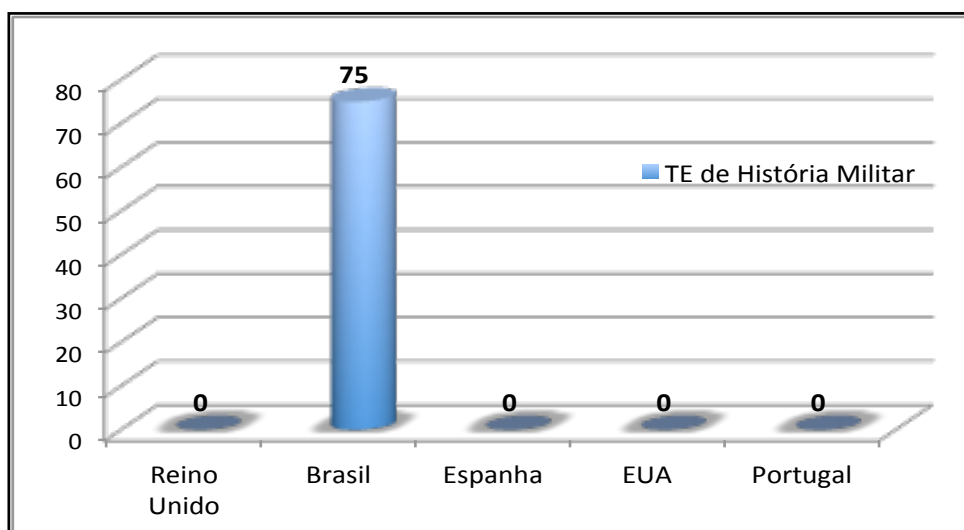


Figura nº 2 – Tempos de história militar nos Cursos de Promoção a Capitão
Fonte: (Autor, 2015)

O próximo passo na carreira do oficial é a promoção ao posto de oficial superior. Os países analisados, com exceção do Brasil³⁷, exigem a frequência e aproveitamento

³⁷ Os TE de história militar a que se refere a figura nº 3 são ministrados na frequência do Curso de Preparação à ECEME. Para mais informação, consultar o Apêndice A.



de um curso de promoção. O curso ministrado nos EUA é o que tem maior carga de história militar e o que exige aos alunos uma maior amplitude no uso da mesma. Esta amplitude fica demonstrada na obrigatoriedade de frequência de dois módulos adicionais, para os oficiais que irão comandar unidades de manobra e apoio de combate. Em Portugal, centra-se no papel da guerra na formação e desenvolvimento da nação portuguesa ao longo da sua história, não permitindo uma visão abrangente da mesma. Esta “visão” é necessária, pois este é o ultimo curso que a maioria dos oficiais frequenta.

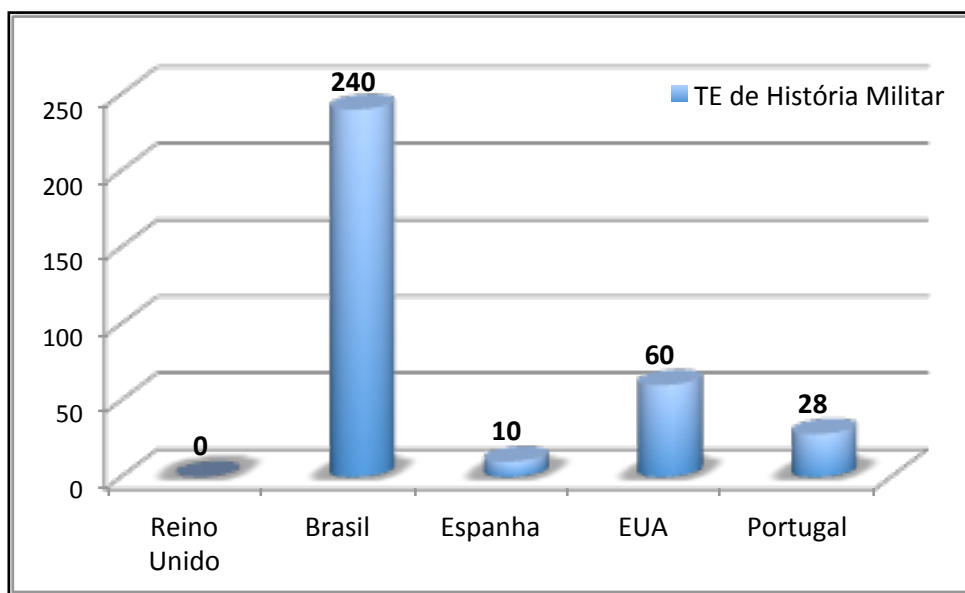


Figura nº 3 – Tempos de história militar nos Cursos de Promoção a Oficial Superior
Fonte: (Autor, 2015)

A maioria dos países em estudo contempla a existência de um Curso de Estado-maior, com a finalidade de qualificar oficiais para o desempenho de funções ao nível operacional e estratégico. O Brasil coloca especial atenção neste curso, exigindo para a sua frequência, o aproveitamento num curso prévio de preparação. Esta situação poderá estar relacionada com a inexistência do curso de promoção a oficial superior, existindo a necessidade de nivelar os conhecimentos dos oficiais que pretendem frequentar o CCEME.

O ensino da história militar nesta fase da formação dos oficiais varia bastante. O Reino Unido utiliza o estudo histórico de uma operação para ilustrar os conceitos atuais de planeamento da NATO ao nível operacional. O Brasil utiliza-a para a exemplificação do planeamento ao nível operacional e estratégico, bem como para o ensino da liderança. Em Portugal o seu ensino está centrado no séc. XX, faltando-lhe uma abordagem mais abrangente. O ensino da história militar nos seus grandes temas,



desde a antiguidade até ao início do séc. XX não está contemplada no programa do CPOS, sendo apenas ministrada aos oficiais do Exército na frequência do CEM-E, existindo aqui uma falta de continuidade cronológica ou temática.

A história militar, à semelhança do que acontece no Brasil e EUA, pode ter um papel mais ativo em apoio a outras áreas, nomeadamente liderança. A utilização de ações militares do passado, à semelhança do Reino Unido, como ferramenta de apoio ao estudo e aplicação do planeamento operacional atual da NATO, parece-nos uma boa solução, pois permite avaliar e discutir as implicações das opções adotadas.

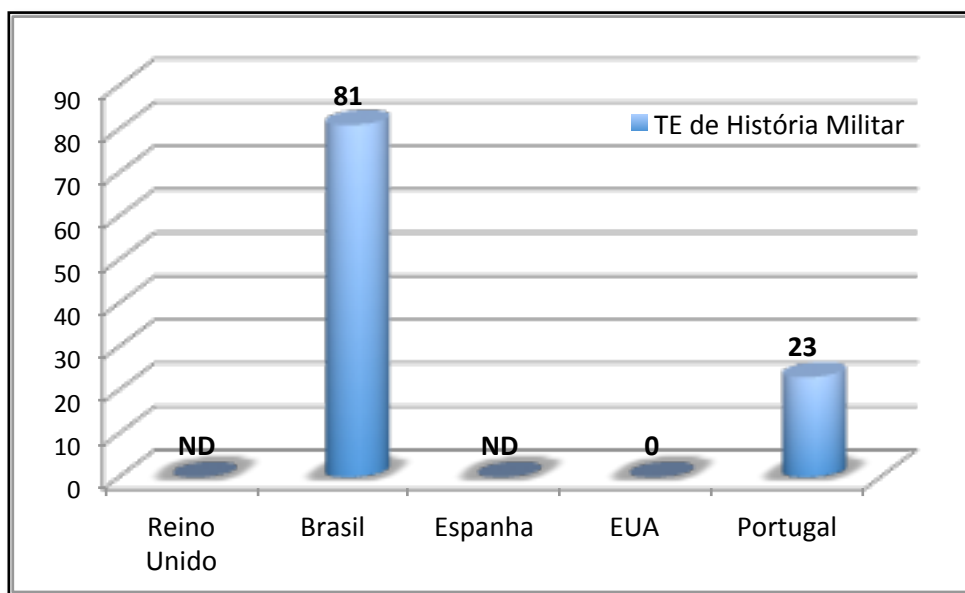


Figura nº 4 – Tempos de história militar nos Cursos de Estado-Maior
Fonte: (Autor, 2015)

O acesso ao posto de oficial general é o passo seguinte. Os oficiais selecionados devem frequentar um curso de promoção. Esta situação é válida para todos os países em estudo, variando a sua duração de sete semanas em Espanha a um ano letivo em Portugal, EUA e Brasil. No USAWC, a história militar está presente em todos os aspetos curriculares do curso, desde a liderança, à estratégia e ao planeamento de campanhas e operações, retirando-se ensinamentos e exemplos do passado, como justificação da decisão presente. Nas palavras do Professor William Johnsen (2015b) do USAWC, “tendemos a usar história em vez de ensinar”³⁸. Atendendo ao facto dos futuros oficiais generais irem lidar com problemas estratégicos e globais, onde podem vir a aplicar outros instrumentos que não o militar, a existir uma disciplina de história militar, esta deve ser centrada nestes aspetos.

³⁸ NT.



g. Síntese Conclusiva

Ao longo deste capítulo verificou-se que os países dão uma importância ao ensino da história militar, ao longo da formação dos oficiais.

As diferenças curriculares na maioria dos cursos de formação inicial não são expressivas, abrangendo essencialmente as mesmas temáticas, tendo na generalidade os mesmos objetivos gerais. A diferença significativa encontra-se sobretudo na transição para o posto de oficial superior. Enquanto na maioria dos países, o ensino da história militar visa o seu conhecimento, nos EUA os oficiais com a perspetiva de virem a comandar unidades de combate ou apoio de combate são ensinados a utilizar a história. Esta diferença tem continuidade no USAWC, divergindo dos restantes países em estudo. São também os EUA, que nos seus currículos já incluem matérias relacionadas com conflitualidade que emergiu no final do séc. XX e início do séc. XXI, enquanto os restantes se limitam ao estudo da guerra subversiva no seu modelo clássico, porventura motivados pelo seu envolvimento nos conflitos do Afeganistão e Iraque incutindo nos seus quadros o valor que a história pode ter para a compreensão do conflito na sua totalidade.

Ao longo da investigação não foi possível estabelecer um paralelismo entre os dois países anglo-saxónicos estudados, face aos escassos dados fornecidos pelo Reino Unido. Este no entanto, dá atenção ao estudo da história militar, não num conceito ortodoxo de aula, mas numa perspetiva de autoestudo, com a finalidade de o utilizar como ilustração prática do processo de planeamento operacional da NATO no decurso do ACSC, ou através do exercício *Normandy Scholar*. Este método também é adotado pelo USAWC, onde a história militar desempenha um papel fundamental na justificação de teorias, modelos de liderança e processos de planeamento.

O Brasil apresenta o curioso aspeto de apesar de não se ter envolvido recentemente em nenhum conflito internacional, ter um decalque, devidamente adotado à sua realidade, da estrutura curricular dos EUA no respeitante à história militar. O elevado número de oficiais brasileiros que frequentam cursos de formação neste país, aliado à proximidade geográfica pode estar na origem deste fenómeno.

Claramente em contraciclo com os restantes modelos estudados, está Espanha, onde a importância atribuída ao ensino da história e em especial da história militar, é residual, servindo esta como apoio de algumas disciplinas ministradas nos respetivos cursos. A exigência da componente “científica da guerra” ministrada nos seus cursos,



tem vindo a retirar espaço à “arte da guerra”, na qual a história militar desempenha um papel relevante³⁹.

Outra consideração que retiramos desta investigação, é a reduzida importância atribuída à história militar nos CPOG, onde não são contemplados TE para o seu ensino, e apenas os EUA assumem a importância deste recurso no contexto curricular das outras matérias.

Atendendo ao apresentado ao longo deste capítulo, para dar resposta à QD2, “Qual a importância da história militar na formação dos oficiais das FA?”, verificámos que a história militar é uma componente relevante na formação dos oficiais ao longo da sua carreira estando presente na grande maioria dos cursos de desenvolvimento da carreira dos oficiais nos países analisados. Nestes cursos, os oficiais são incentivados a estudar a história militar para ampliar o conhecimento sobre os assuntos militares e não militares que têm implicações na sua profissão, bem como a utilizá-la como instrumento de apoio à melhoria do desempenho profissional.

³⁹ O curso ministrado em Espanha tem uma grande carga de ciências exatas, pois todos os oficiais obtêm o Grau em Engenharia de Organização Industrial, em colaboração com a Universidade de Saragoça (DEET, 2011, pp.2)



3. A utilidade da história militar no desempenho das funções dos oficiais das Forças Armadas

“The role that history should serve in professional military education is not that of a foundation for experiencing war vicariously, but as a way to develop higher-level critical thinking skills” (Echevarria, 2005, p.78)

Como referido no capítulo primeiro, não existe em Portugal um trabalho que aborde qual o sentimento que os oficiais das FA têm sobre a história militar que lhes é ministrada ao longo da sua carreira e que julgam ser útil para o seu desempenho profissional. Neste capítulo vamos dar resposta à QD3: Que história militar serve aos oficiais das FA?

Para dar resposta a esta questão foi elaborado um inquérito (Apêndice B), adaptado de uma investigação similar levada a cabo pelo Exército dos EUA, que foi endereçado a uma amostra de oficiais das FA.

a. Metodologia

(1) Objetivo do inquérito

O objetivo deste inquérito foi aferir a perceção que os oficiais das FA têm da importância da história militar no desempenho das suas funções, tendo sido adaptado de um estudo de uma comissão *ad hoc*, formada na USMA e realizada aos oficiais do Exército (1971). Na prossecução do seu objetivo geral, o inquérito foi dividido em cinco objetivos parciais, de forma a sistematizar os dados recolhidos:

- Informação da amostra;
- Que quantidade de história militar é estudada pela categoria de oficiais?
- Qual o valor da história militar no desempenho das funções pelos oficiais?
- Onde deve ser ensinada história militar?
- Quais os temas de história militar que gostaria de estudar?

De forma a obter resultados credíveis, calculou-se uma amostra representativa dos oficiais das FA.



(2) Caracterização da amostra

A amostra inicial foi calculada com base nos Quadros Orgânicos de Pessoal dos Ramos das FA⁴⁰, tendo por base os dados referentes a 20 de novembro de 2014. Esta lista sofreu atualizações à medida que foram sendo publicadas as alterações à situação administrativa de militares incluídos na amostra selecionada.

A amostra exclui todos os oficiais cuja formação de base não é a EN, AM ou AFA. Da Marinha, as especialidades objeto de estudo foram as de Marinha, Engenharia Naval (Mecânica e Eletrónica), Administração Naval e Fuzileiros. No Exército foram as especialidades de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia Militar, Transmissões, Administração Militar e Serviço de Material. Da Força Aérea, o estudo incidiu sobre as especialidades de Piloto Aviador, Engenharia Aeronáutica, Engenharia de Aeródromos e Administração Aeronáutica.

No cálculo da amostra inicial, pretendeu-se a representatividade das especialidades nos Ramos, e dentro destes, estratificada, para se obterem dados transversais e abrangentes dos oficiais das FA, ao longo de toda a carreira.

Para o cálculo da amostra, tendo em consideração que a população é finita, foi utilizada a fórmula, preconizada nas *Orientações Metodológicas Para a Elaboração de Trabalhos de Investigação* (Santos et al., 2014, p.61)⁴¹.

As amostras da Marinha, Exército e Força Aérea foram calculadas de acordo com as tabelas nº 1, 2 e 3, respetivamente:

Tabela nº 1 – Amostra proporcional e representativa da Marinha
Fonte: (Autor, 2015)

Postos		Subtotal por Classe (Efetivos em 20NOV14)				Peso por Classe (Posto/total)				Nº Oficiais a Inquirir por Classe (Peso x Dimensão da Amostra)			
Contra-Almirante, Vice-Almirante e Almirante		26				0,0279				8			
	Classes	M	ENG	AN	FZ	M	ENG	AN	FZ	M	ENG	AN	FZ
Oficiais Superiores	Capitão de Mar e Guerra	69	20	8	3	0,0741	0,0215	0,0086	0,0032	20	6	2	1
	Capitão de Fragata	136	34	24	13	0,1461	0,0365	0,0258	0,0140	40	10	7	4
	Capitão-Tenente	106	57	44	12	0,1139	0,0612	0,0473	0,0129	31	17	13	4
1º Tenente		113	47	29	12	0,1214	0,0505	0,0311	0,0129	33	14	8	4
Oficiais Subalternos	2º Tenente/Guarda-Marinha	97	51	17	13	0,1042	0,0548	0,0183	0,0140	28	15	5	4
Total Parcial		521	209	122	53					152	61	36	15
Total					931					Total (erro amostral 5%)			272

⁴⁰ Da Marinha, através da Lista de Oficiais da Armada (2013), Tomo I; do Exército e Força Aérea, através das Listas de Antiguidade, disponíveis na Intranet.

⁴¹ Para o cálculo do valor da amostra recorreu-se ao site <http://www.vsai.pt/amostragem.php> (acedido em 15 de janeiro de 2015.)



Tabela nº 2 – Amostra proporcional e representativa do Exército

Fonte: (Autor, 2015)

Postos		Subtotal por QE (Efetivos em 20NOV14)							Peso por QE (Posto/total)							Nº Oficiais a Inquirir por QE (Peso x Dimensão da Amostra)						
Major-General, Tenente-General e General		52							0,0296							9						
Quadro Especial		INF	CAV	ART	ENG	TM	ADMIL	MAT	INF	CAV	ART	ENG	TM	ADMIL	MAT	INF	CAV	ART	ENG	TM	ADMIL	MAT
Oficiais Superiores	Coronel	81	29	36	8	8	9	4	0,0461	0,0165	0,0205	0,0046	0,0046	0,0051	0,0023	15	5	6	1	1	2	1
	Tenente-Coronel	178	39	73	21	34	27	16	0,1013	0,0222	0,0415	0,0120	0,0194	0,0154	0,0091	32	7	13	4	6	5	3
	Major	156	52	79	36	34	48	20	0,0888	0,0296	0,0450	0,0205	0,0194	0,0273	0,0114	28	9	14	6	6	9	4
Capitães		136	47	68	25	23	44	18	0,0774	0,0268	0,0387	0,0142	0,0131	0,0250	0,0102	24	8	12	4	4	8	3
Oficiais Subalternos	Tenente/Alferes	134	56	69	19	15	54	9	0,0763	0,0319	0,0393	0,0108	0,0085	0,0307	0,0051	24	10	12	3	3	10	2
Total Parcial		685	223	325	109	114	182	67								123	40	58	20	20	33	12
Total		1757														Total (erro amostral 5%)						
																315						

Tabela nº 3 – Amostra proporcional e representativa da Força Aérea

Fonte: (Autor, 2015)

Postos		Subtotal por Esp. (Efetivos em 20NOV14)			Peso por Esp. (Posto/total)			Nº Oficiais a Inquirir por Esp. (Peso x Dimensão da Amostra)		
Major-General, Tenente-General e General		20			0,0375			8		
	Especialidade	PILAV	ENG (todas)	ADMAER	PILAV	ENG (todas)	ADMAER	PILAV	ENG (todas)	ADMAER
Oficiais Superiores	Coronel	32	16	10	0,0599	0,0300	0,0187	13	7	4
	Tenente-Coronel	40	31	17	0,0749	0,0581	0,0318	17	13	7
	Major	8	26	17	0,0150	0,0487	0,0318	3	11	7
Capitães		79	64	23	0,1479	0,1199	0,0431	33	27	10
Oficiais Subalternos	Tenente/Alferes	93	40	18	0,1742	0,0749	0,0337	39	17	8
Total Parcial		252	177	85				105	74	36
Total		534						Total (erro amostral 5%)		223

A figura nº 5 representa graficamente esta distribuição e o peso percentual de cada posto na amostra total.

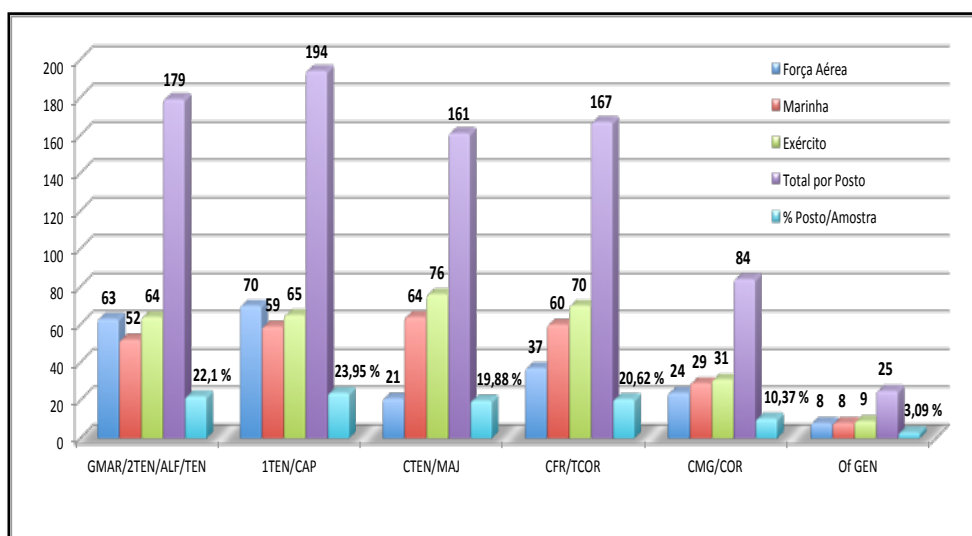


Figura nº 5 – Distribuição da amostra

Fonte: (Autor, 2015)

Depois de calculada a dimensão da amostra, as listas foram ordenadas sequencialmente, por posto e especialidade, recorrendo-se a uma ferramenta eletrônica⁴² para selecionar os oficiais, aos quais seriam enviados os inquéritos.

⁴² Ferramenta disponível em <https://www.random.org> (acedido em 15 de janeiro de 2015.)



(3) Forma de lançamento

Para lançamento dos inquéritos, foram utilizadas as contas de correio eletrónico institucionais dos oficiais selecionados. Para o efeito, foi solicitada a autorização aos Chefes de Estado-Maior (CEM) dos Ramos para o envio do inquérito e a disponibilização dos respetivos endereços⁴³. A mensagem foi enviada com um texto explicativo da importância do assunto e o *link* para a página onde o inquérito estava disponível. Não foi solicitada qualquer autenticação e era garantido o anonimato aos participantes. As mensagens foram enviadas aos oficiais à medida que os CEM dos Ramos foram dando autorização, tendo sido encerrado no fim do dia 27 de março de 2015.

(4) Constrangimentos

Ao longo do processo, um dos constrangimentos sentidos prendeu-se com a demora na autorização para envio das mensagens. O segundo aspeto teve a ver com o controlo dos remetentes. Enquanto no Exército a mensagem foi enviada através do correio institucional do autor, possibilitando desta forma o controlo de entrega das mensagens aos destinatários⁴⁴, as mensagens com destino aos oficiais da Marinha e Força Aérea, foram enviadas através dos serviços informáticos do respetivo Ramo, não possibilitando o mesmo controlo.

b. Análise

Os resultados obtidos no inquérito não foram em quantidade que correspondesse à margem de erro mínima desejada (5 %). A amostra inicial contemplava um total de 810 oficiais, distribuídos de acordo com as tabelas nº 1, 2 e 3. A figura nº 6 representa as 184 respostas recebidas, perfazendo 22,69 % da amostra inicial e o rácio das respostas dadas face aos pedidos, por posto⁴⁵.

⁴³ O pedido foi feito em 12 de janeiro de 2015, tendo o Exército autorizado em 21 de janeiro, a Força Aérea em 02 de fevereiro e a Marinha a 12 de março.

⁴⁴ Quando era recebida a mensagem de “caixa de correio cheia”, selecionava-se o oficial seguinte na lista e enviada nova mensagem.

⁴⁵ A partir deste momento consideram-se as 184 respostas recebidas como 100 %.

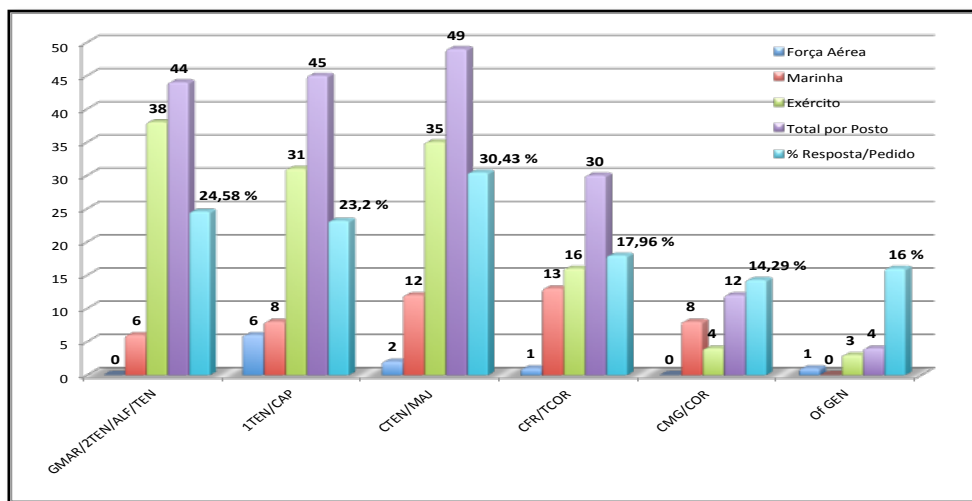


Figura nº 6 – Distribuição das respostas ao inquérito e rácio resposta/pedidos efetuados
Fonte: (Autor, 2015)

A fraca adesão dos oficiais ao inquérito poderá indiciar que a forma de lançamento não é a mais adequada, desinteresse pelo assunto (história militar), desinteresse em contribuir para a melhoria do sistema de ensino ministrado aos oficiais ao longo das suas carreiras, outros motivos ou uma conjugação dos apresentados. Desta forma, o número de respostas não permite afirmar que os resultados obtidos são representativos da população alvo, resultando numa amostra não probabilística e não permitindo a sua generalização. No entanto, os dados recolhidos permitem retirar conclusões pertinentes para este trabalho e servir de precursor a novos estudos⁴⁶.

(1) Caracterização das respostas

As respostas foram distribuídas pelos postos de forma sensivelmente proporcional. A figura nº 6 representa a distribuição das respostas por ramo das FA e pelo posto, onde se pode verificar que comparativamente à figura nº 5, houve um aumento na percentagem de respostas nos postos de oficial superior e oficial general, face à sua representatividade na amostra inicial.

A figura nº 7 representa a distribuição por postos das respostas obtidas, onde se destacam os 2 % de oficiais generais e os 7 % de comandantes de mar-e-guerra e coronéis a que correspondem quatro e 12 respostas, respetivamente. Este facto condiciona a perceção dos resultados, uma vez que as suas opiniões seriam as que

⁴⁶ Para mais informação, consultar João Marôco (2014, pp.11-12)



mais contribuiriam para o estudo, por força da sua experiência e longa carreira, tendo sentido ou não a falta da história militar.

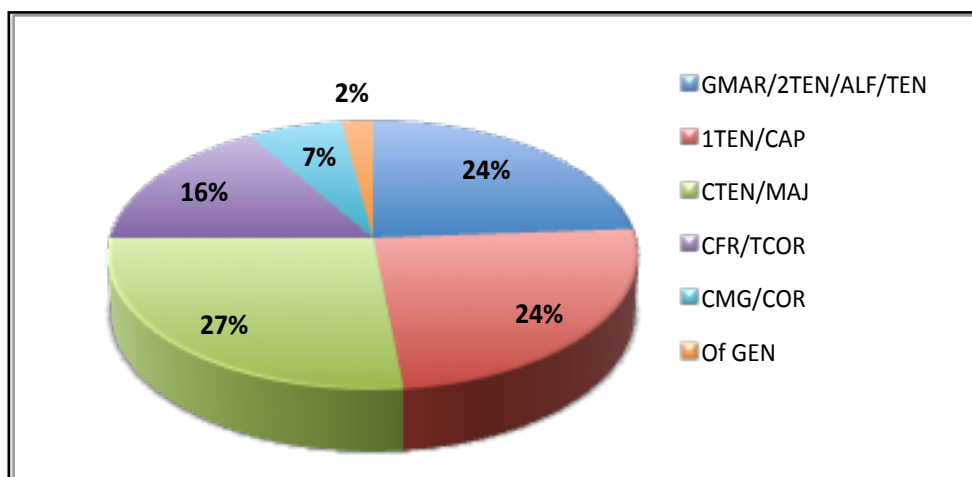


Figura nº 7 – Distribuição percentual por postos das respostas face ao total obtido
Fonte: (Autor, 2015)

Outro fator relevante na caracterização das respostas é a distribuição por especialidades. Ao longo deste estudo, fomos observando que eram os oficiais com uma ligação mais próxima à manobra terrestre e maioritariamente envolvidos em operações de combate que mais sentiam esta necessidade. A figura seguinte apresenta a distribuição das respostas por especialidade de combate, apoio de combate ou apoio de serviços/técnicas.

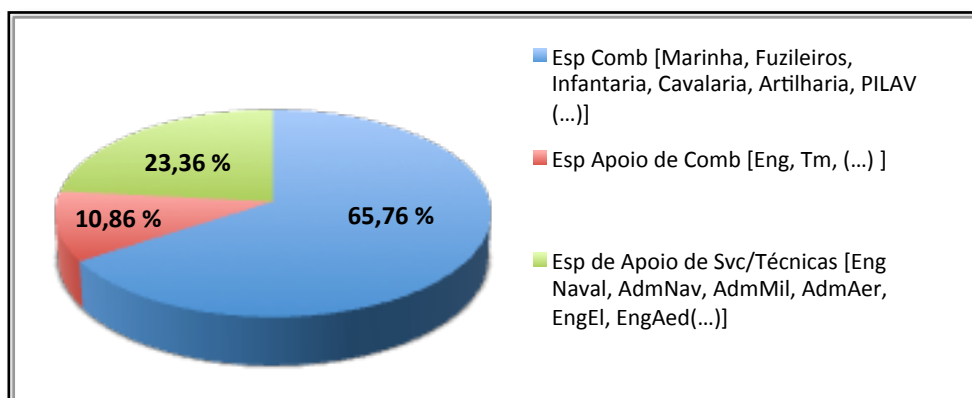


Figura nº 8 – Distribuição por especialidades
Fonte: (Autor, 2015)



As habilitações literárias podem condicionar as restantes respostas ao inquérito. A figura nº 9 apresenta as habilitações literárias dos participantes, onde destacamos os 2,72 % que tem formação académica pós-graduada em História⁴⁷

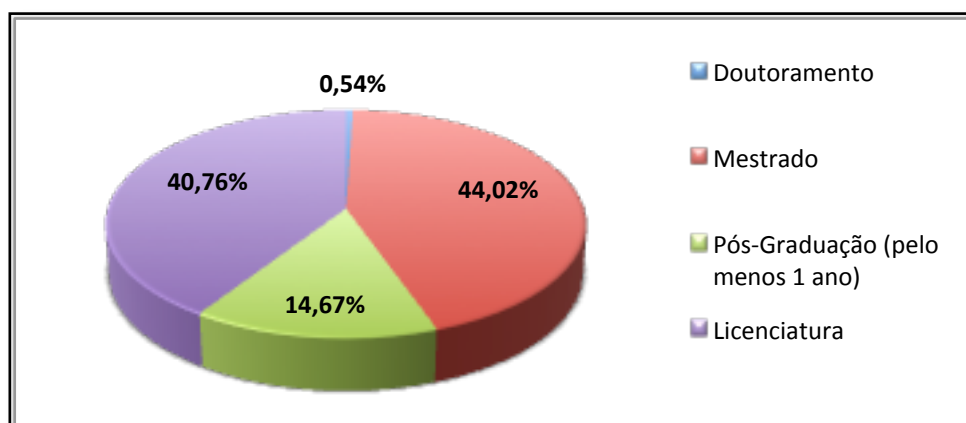


Figura nº 9 – Distribuição por habilitações literárias
Fonte: (Autor, 2015)

Uma das razões apontadas pelos autores anteriormente apresentados para o estudo da história militar, é a função que se desempenha ou desempenhou, sendo mais premente enquanto aluno, docente ou instrutor e não desprezível enquanto comandante, diretor ou chefe, no desempenho de funções de acessória ou estado-maior. As figuras nº 10 e 11 apresentam a distribuição por funções.

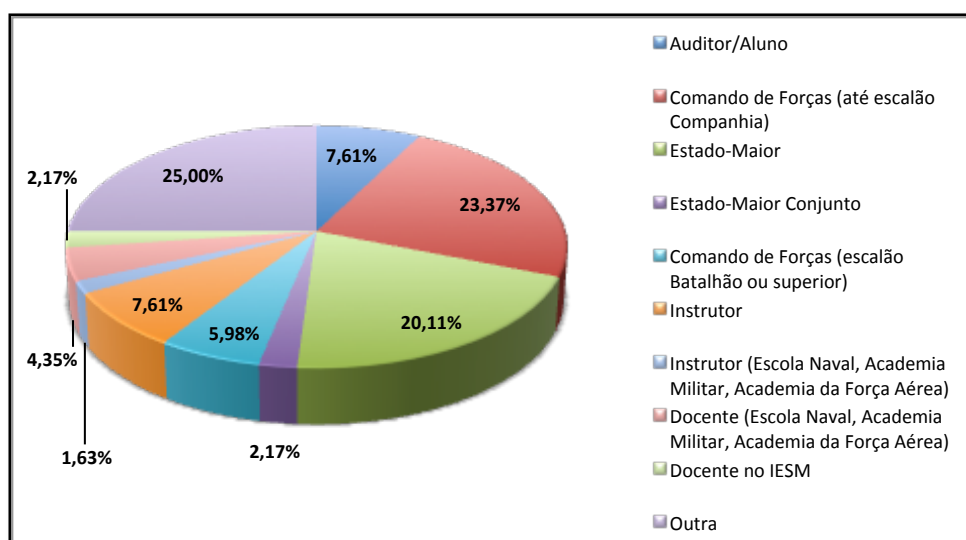


Figura nº 10 – Distribuição pela função atual
Fonte: (Autor, 2015)

⁴⁷ Ressalva-se o facto de a amostra poder incluir dois tipos de mestrados, pelo que temos de assumir a existência de mestres, que o são somente administrativamente (transferência pré-Bolonha para pós-Bolonha), ainda que sejam uma minoria.

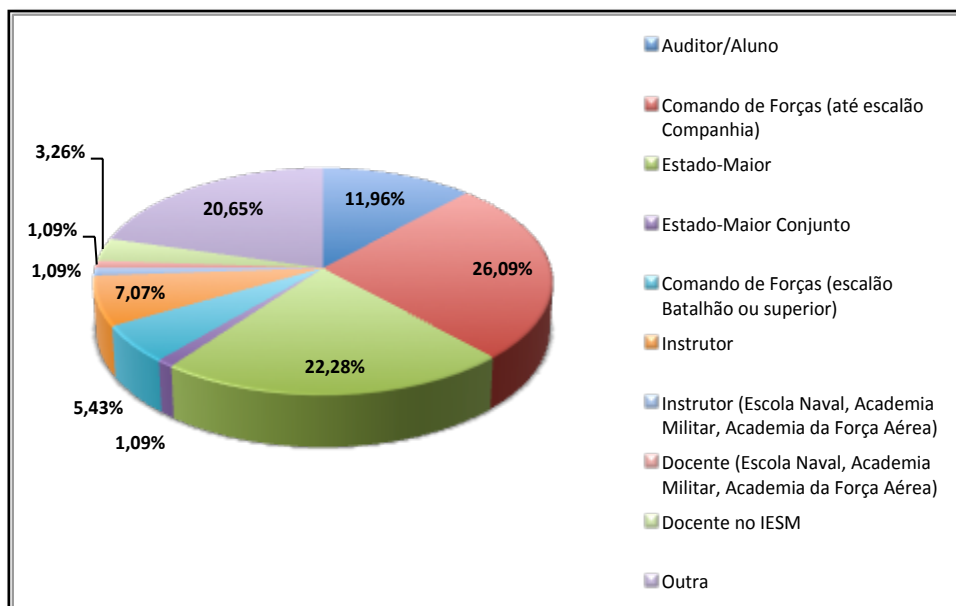


Figura nº 11 – Distribuição pela função anterior

Fonte: (Autor, 2015)

Verifica-se que existe uma elevada percentagem de oficiais que optaram por “outra”. Após uma análise das respostas apresentadas, observamos que estas se enquadram nos grupos anteriores, à exceção de um oficial a desempenhar funções num órgão público fora da estrutura das FA.

Para finalizar a categorização da amostra, foi considerada relevante a experiência dos oficiais em missões fora do território nacional (figura nº 12).

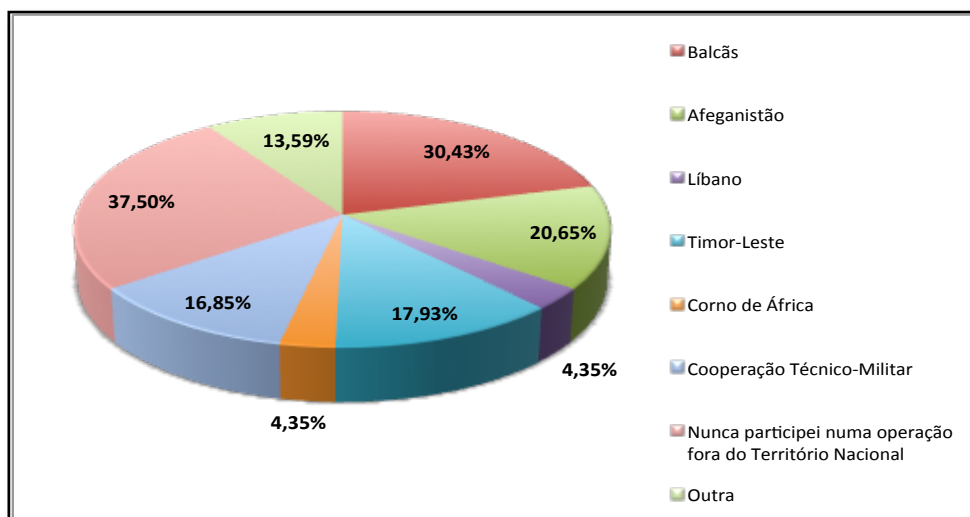


Figura nº 12 – Participação em missões fora do Território Nacional

Fonte: (Autor, 2015)

Os militares que referiram outra, participaram em missões na Guiné-Bissau, Iraque, Mali, República Democrática do Congo, Líbia e missões marítimas no Mediterrâneo.



(2) Que história militar é estudada pelos oficiais

Finalizada a caracterização geral dos oficiais que responderam ao inquérito, entramos nas suas áreas chave.

Dos valores obtidos, verifica-se que a esmagadora maioria dos oficiais estuda história militar imperativo de serviço, durante os cursos de formação inicial e no IESM. A leitura ocasional é terceira resposta, contrariando a recomendação de James Mattis, “estudar em vez de apenas ler”. Só 3,80 % têm um programa de autoestudo pessoal organizado, possivelmente influenciados pelas *Professional Reading List* disponíveis na *internet*⁴⁸.

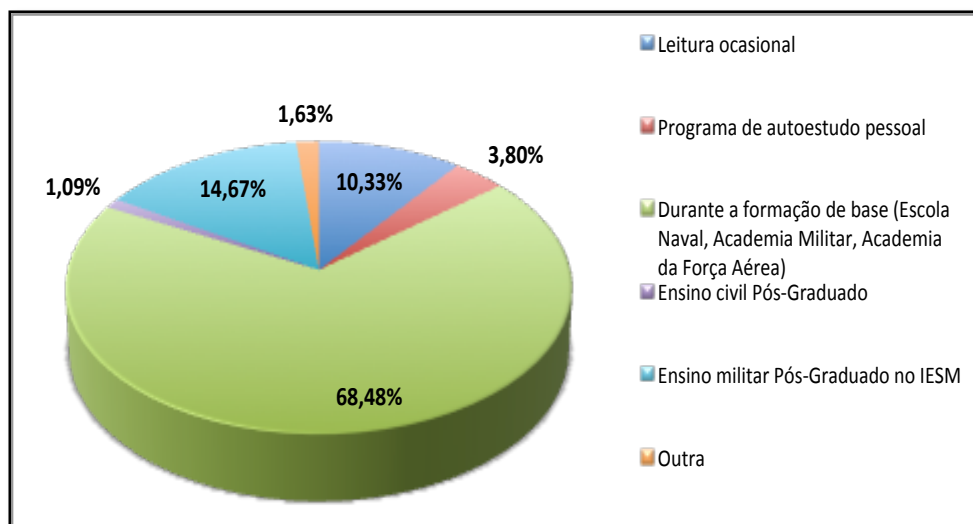


Figura nº 13 – Distribuição da forma de estudo da história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Quando questionados sobre o nome de cinco livros de história militar que tenham lido e qual o motivo/interesse na leitura do mesmo, obtiveram-se 386 respostas (41,95 % do esperado), embora nem todas tivessem associado o motivo. O objetivo desta pergunta era aferir o nível do estudo (através dos títulos e autores) e o propósito da leitura. Os autores nacionais mais referidos são Carlos Selvagem e Loureiro dos Santos. Internacionalmente, John Keegan, Clausewitz e Sun Tzu os dois últimos, diretamente relacionados com a realização de trabalhos académicos.

⁴⁸ Existem iniciativas semelhantes em Portugal, nas revistas dos Ramos e do Instituto de Defesa Nacional.

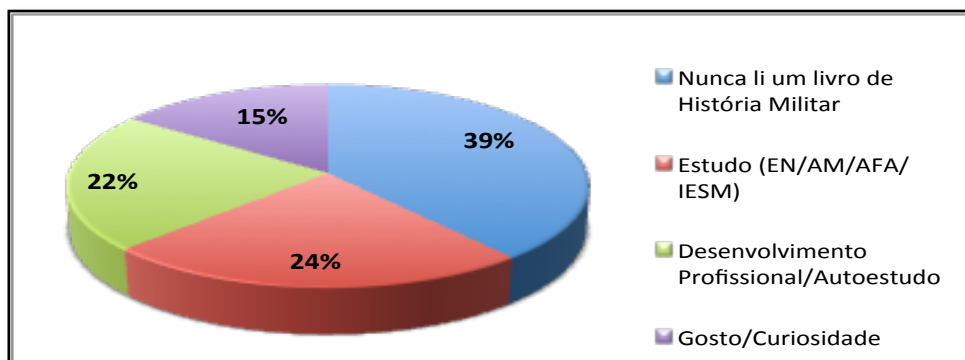


Figura nº 14 – Motivos para a leitura de história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Dos oficiais que afirmaram nunca ter lido livros de história militar, o maior número de respostas surge também nos postos com mais respostas no inquérito. No entanto, importa ressaltar que dos oficiais gerais que responderam, metade (50%) afirmaram nunca ter lido um livro de história militar, enquanto que nos postos de comandante de mar-e-guerra e coronel, um pouco mais de metade (66,6 %). No entanto e face ao reduzido número de respostas nestes postos, estes valores devem ser olhados com reservas.

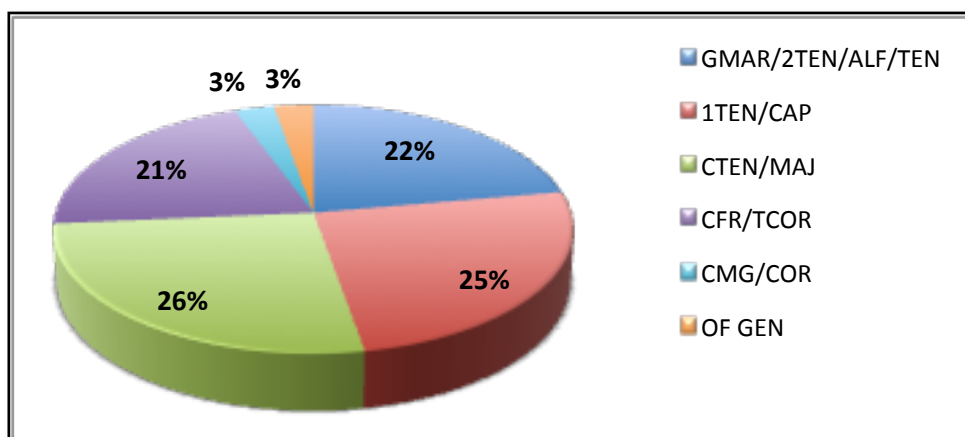


Figura nº 15 – Distribuição por postos dos oficiais que nunca leram livros de história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Pelos resultados apresentados na figura nº 15, podemos inferir que a história militar ministrada nas escolas militares nacionais não consegue cativar e desenvolver o gosto pela disciplina, a ponto de induzir o oficial a estudar fora dos cursos que frequenta. Este facto é ainda mais relevante no início da carreira, onde se supõe que o oficial deve melhorar o conhecimento da sua profissão aprendendo com o passado, tendência esta que continua ao longo da carreira.

(3) Utilidade da história militar

O inquérito procurou também perceber qual a utilidade da história militar para os oficiais no seu desempenho profissional. Das respostas obtidas, 64 % dos oficiais considera importante para o seu desempenho uma história militar de cariz universal, enquanto 23 % considera uma história militar de Portugal mais útil. Os restantes não sabem ou não respondem. Quando inquiridos acerca da forma como o estudo ou conhecimento de história militar foi útil no seu desempenho, uma percentagem elevada refere que esta pouco ajudou.

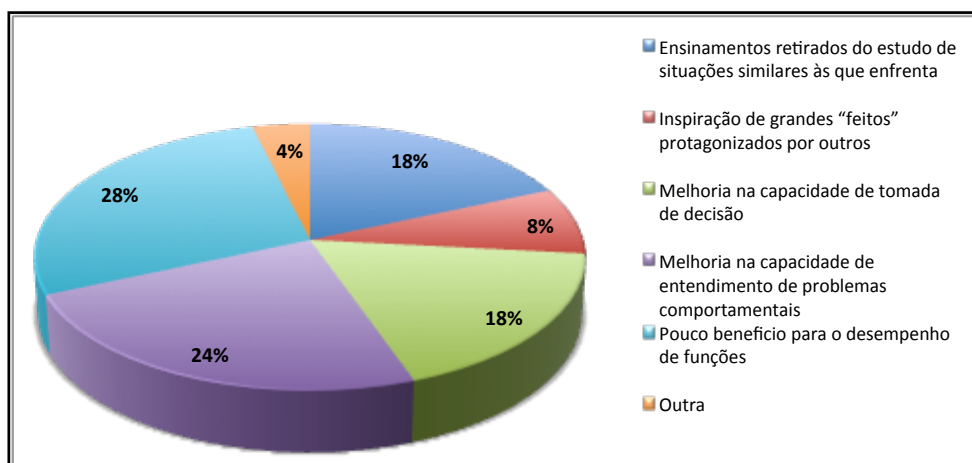


Figura nº 16 – Utilidade da história militar no desempenho das funções
Fonte: (Autor, 2105)

Da figura anterior, salientam-se os 24 % de oficiais que afirmam que a história os ajuda a compreender problemas comportamentais, 18 % onde o estudo os beneficia com ensinamentos retirados de problemas similares e os 18 % na melhoria da capacidade de decisão. Em último lugar surge o fator motivacional e inspirador, o que sugere que os oficiais procuram utilidades mais objetivas e menos no campo dos ideais. Esta figura deve ser vista a par da seguinte, onde se apresenta a distribuição dos oficiais que responderam pouco terem beneficiado com o conhecimento de história militar.

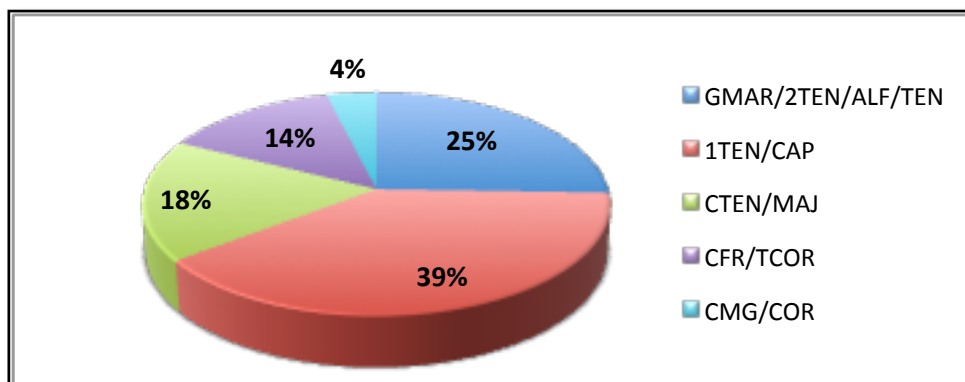


Figura nº 17 – Distribuição por postos dos oficiais que não beneficiaram com os conhecimentos de história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Os resultados obtidos nesta fase do inquérito permitem concluir que existe uma elevada percentagem de oficiais que admite não haver uma mais-valia no estudo da história militar, uma vez que esta pouco os tem beneficiado profissionalmente. Ao sentirem que a esta não lhes é útil, irão passar esse sentimento aos oficiais subordinados, entrando-se numa espiral de desinteresse. A noção que estes oficiais têm da falta de utilidade, poderá estar diretamente relacionada com a formação inicial e CPC. O número reduzido de horas ministradas na EN, AM e AFA a par da disciplina ser ministrada sem ligação aparente às restantes, será um fator a considerar, bem como a inexistência de história militar no CPC.

No entanto, a história foi e é empregue pelos oficiais no desempenho das suas funções. Sendo a aplicação da história militar vasta, também o foram as respostas obtidas (figura nº 18). É nesta fase da carreira que os oficiais estão mais orientados para o comando direto de subordinados, responsáveis pelo seu treino e desempenho operacional, não estando despertos para a leitura, desconhecimento da existência de literatura útil ou outros interesses pessoais. Carece pois de uma forte ação de comando e incentivo por parte dos oficiais mais antigos, a instituição de hábitos de leitura, estudo e gosto pela história militar, aprendendo os benefícios do seu estudo desde o início da carreira.

No respeitante à sua aplicação pelos oficiais, é surpreendente observar que embora ligeiramente, é empregue na compreensão dos aspetos de comportamento humano em combate e de liderança. Infelizmente, estes são aspetos pouco abordados nos currículos dos cursos ministrados nas FA.

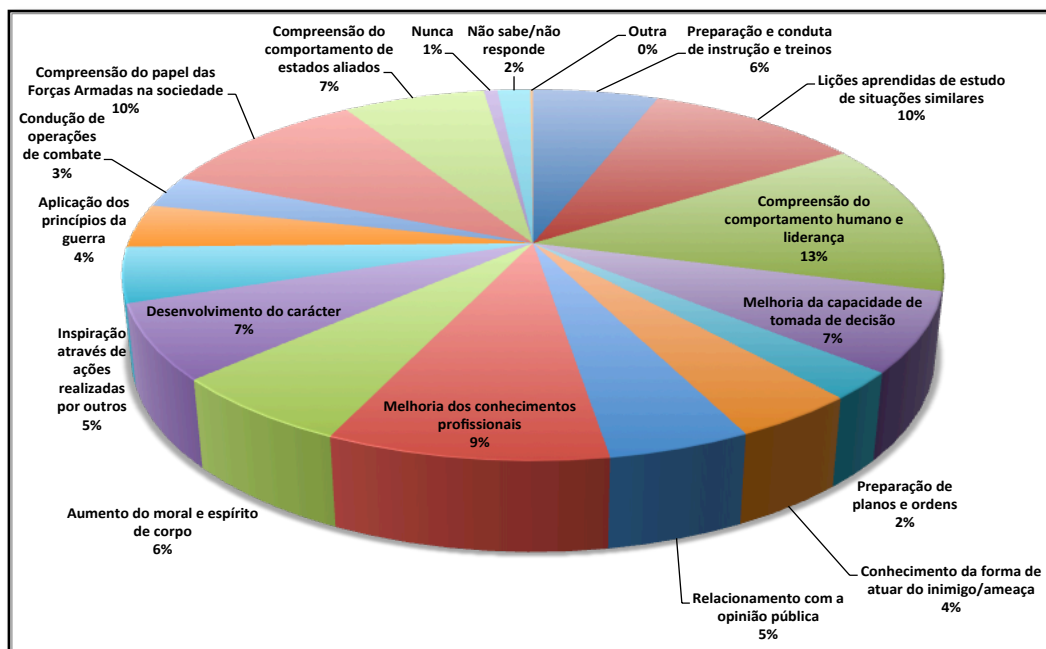


Figura nº 18 – Utilização da história militar
Fonte: (Autor, 2015)

(4) Que história militar os oficiais gostariam de estudar

Verificou-se em seguida qual a história militar que iria ao encontro dos anseios dos oficiais e passível de lhes desenvolver o gosto pelo estudo, fora do contexto da frequência de cursos. Facto positivo é a maioria considerar que a história militar pode ter um impacto na melhoria do desempenho profissional dos oficiais (figura nº 19), sendo a fase ideal para o seu ensino, os Cursos de Formação Inicial (figura nº 20).

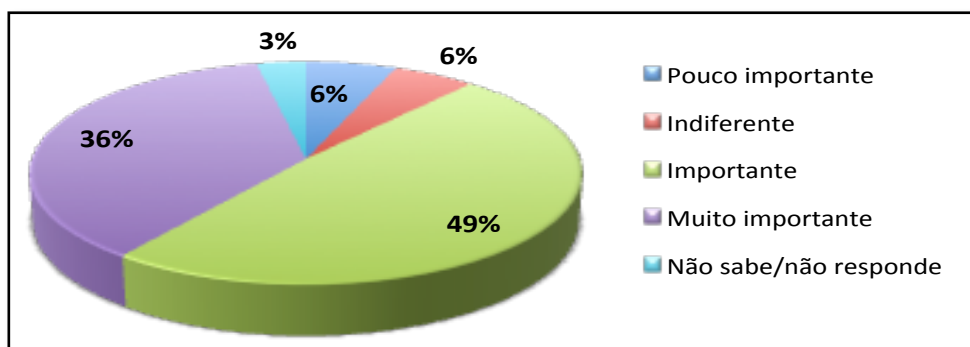


Figura nº 19 – A importância da história militar no desempenho profissional
Fonte: (Autor, 2015)

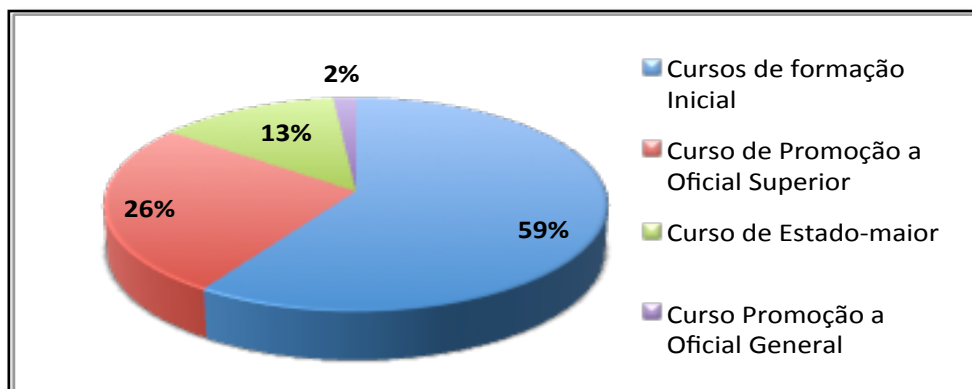


Figura nº 20 – Fase na formação dos oficiais onde deve ser dada mais importância à história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Ainda neste sentido 68 % dos oficiais optaria por aumentar o número de horas de semanais de história militar nos cursos ao longo da sua carreira, considerando o mais adequado, duas a quatro horas semanais.

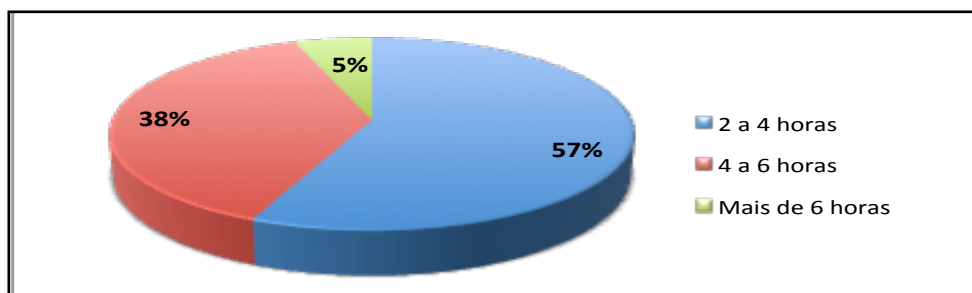


Figura nº 21 – Tempo a dedicar à história militar
Fonte: (Autor, 2015)

Já tendo sido abordada a forma como é ministrada, procurou-se averiguar, qual o papel da história militar no contexto curricular dos cursos. Dentro deste papel, qual a abordagem mais apropriada para o seu ensino e capaz de despertar o interesse pela continuação do estudo. As figuras nº 22 e 23 representam as respostas obtidas.

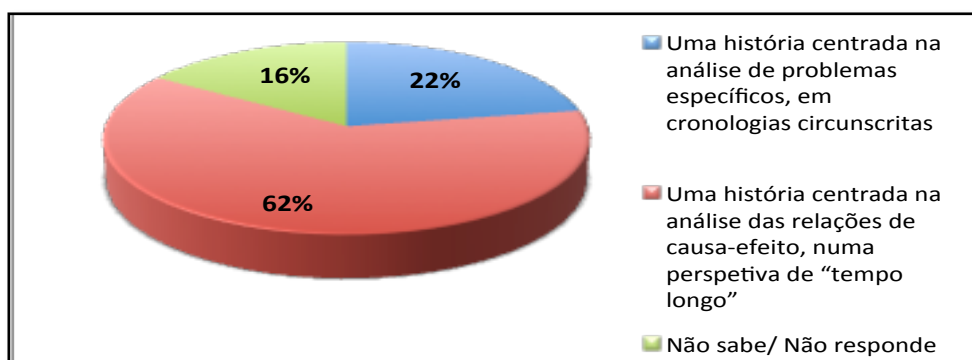


Figura nº 22 – A história militar nos cursos de formação
Fonte: (Autor, 2015)

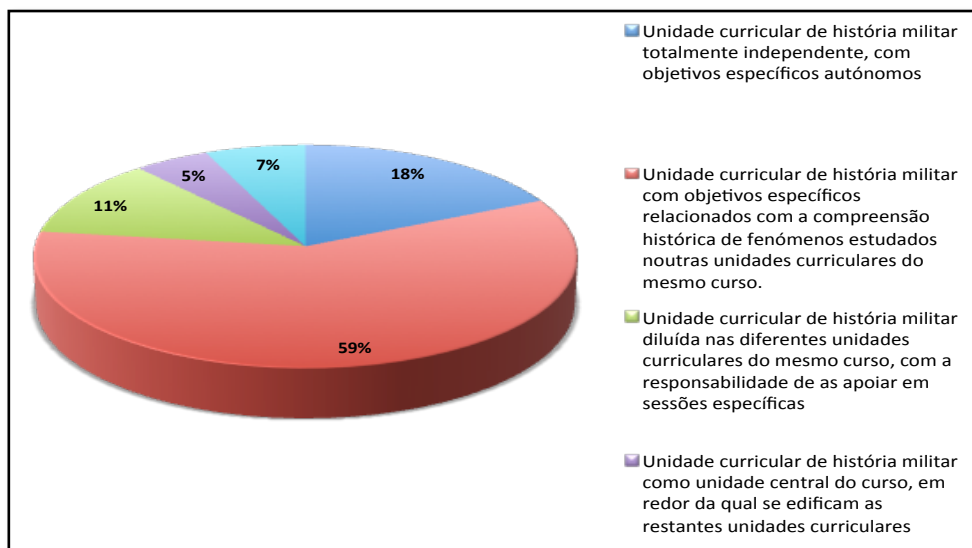


Figura nº 23 – O ensino da história militar
Fonte: (Autor, 2015)

As respostas recebidas indicam que os oficiais querem estudar história militar, mas têm de sentir que esta lhes é útil de algum modo. Isto é visível na opção de lhe aumentar o tempo dedicado durante os cursos. O seu papel no contexto curricular e a forma como deve ser ministrada estão diretamente relacionados. A opção por uma abordagem de “causa-efeito” numa perspetiva de tempo longo, corresponde aos anseios de compreender o “porquê” do problema, indo à origem e entender o processo que o conduziu até à atualidade. É neste ponto que se liga com a forma como é ministrada. O ensino da história militar não pode estar isolado das restantes disciplinas. Deve abordar assuntos que a permitam relacionar com as restantes áreas do saber.

c. Análise de dados recolhidos pelo método de *focus group*

O *focus group* é uma técnica de recolha de dados, com raízes em 1941, e que se desenvolveu a partir da década de 1980. No âmbito da investigação vai ser utilizado como forma de complementar da informação recolhida pelo inquérito (Galego & Gomes, 2005, p.175; 177; Bloor et al., 2001, p.11).

(1) *Focus group* aos alunos da Academia Militar

Um dos parâmetros não abordados pelo estudo desenvolvido nos EUA em 1971, foi relativo à perceção que os alunos dos EESPUM têm da história militar, qual o propósito e qual a utilidade da mesma no contexto da sua formação. Para o efeito foi realizado nas instalações da AM um *focus group* com a participação de oito alunos do



quarto ano. A distribuição, por especialidade, foi de três cadetes-alunos de Infantaria, dois de Artilharia, um de Cavalaria, um de Engenharia e um de Administração Militar.

Na realização desta atividade foram recolhidas várias ideias que os futuros oficiais têm sobre utilidade e importância do conhecimento e estudo da história militar, encontrando-se resumidas no Apêndice C.

Das ideias transmitidas, destaca-se a possibilidade de retirar lições e não repetir os erros do passado, compreender o mundo atual e permitir identificar tendências ou padrões de evolução. Outro sentimento transmitido prende-se com a necessidade de usar a história militar como veículo de compreensão de outras áreas do saber, referindo que esta devia ser a base para o posterior estudo da Tática, permitindo uma identificação do aluno com a história da sua especialidade. No respeitante ao conteúdo curricular, as opiniões divergiram entre os que defendem que, numa fase inicial, se devem estudar as táticas e analisar batalhas, passando posteriormente à análise da ação de comando e os que defendem o oposto, ou seja, dão primazia aos assuntos do passado relacionados com a condução de militares.

As ilações a retirar desta atividade apontam para um sentimento geral de utilidade da história militar e o anseio que esta seja útil e passível de utilizar, em complemento às outras disciplinas.

(2) *Focus group* a oficiais superiores das Forças Armadas

Foi sentida a necessidade de clarificar alguns dos dados obtidos no inquérito realizado. Para o efeito realizou-se um *focus group* com a participação de dois oficiais superiores da Marinha, três do Exército e dois da Força Aérea, encontrando-se um resumo da sessão no Apêndice D.

Das principais ideias recolhidas, salienta-se que os oficiais participantes sentem a importância da história militar no contexto da sua profissão, admitindo no entanto, que lhe têm prestado pouca atenção e estudo. Quando o fazem, é sobretudo por curiosidade pessoal ou motivada por necessidade profissional no desempenho de tarefas específicas, nomeadamente ensino. No desempenho das funções normalmente atribuídas, existe uma dificuldade generalizada para materializar situações concretas onde tenham aplicado conhecimentos de história militar. No entanto salientam que esta é importante para uma compreensão de aspetos culturais, sobretudo em ambiente internacional.

Quando questionados quanto às áreas temáticas que melhor contribuem para o desempenho profissional dos militares, todos afirmam a importância do conhecimento



de uma história militar onde seja abordada a arte de comando e o comportamento humano em combate, pois os oficiais são comandantes e devem compreender os militares que deles dependem, como agem e como reagem perante as adversidades. Por fim, abordou-se a forma de ministrar o seu ensino, apontando para um ensino da história militar em colaboração com outras áreas do saber, tornando-a num instrumento para a sua compreensão. O ênfase coloca-se sobretudo na necessidade de que a história militar seja passível de aplicação prática.

d. Síntese conclusiva

A aplicação dos dois instrumentos de recolha de dados apresentados permite fazer algumas inferências relativas à importância que a história militar tem para os oficiais das FA.

Sentimento generalizado é o da importância e utilidade no desempenho profissional. No entanto a dispersão de respostas apresentadas no inquérito, assim como a incapacidade de materializar aplicações práticas por parte dos participantes no *focus group* torna-a numa disciplina à qual se atribui menos relevância. Uma das formas de medir a importância que esta pode ter no contexto de trabalho dos oficiais, é a possibilidade do seu uso. Para o efeito é necessário que o seu ensino e os conteúdos curriculares associados estejam de acordo com esta expectativa.

A EN, AM e AFA são os locais onde deve ser dada maior importância ao ensino da história militar. É nesta fase que deve ser desenvolvido o gosto pelo “saber” sobre a profissão que se está a abraçar, que se transmitem os seus valores intrínsecos e que o aluno começa a criar uma imagem do seu “eu” enquanto oficial. Uma história militar, onde a arte do comando tem maior relevância, assume bastante importância nesta fase.

O estudo de história de forma pessoal é geralmente motivado por curiosidade sobre um assunto pontual. Podemos afirmar que a maioria dos participantes deste estudo lê sobre história militar, não a estudando. Outra consideração apresentada foi a incapacidade de materializar a sua aplicação em contexto de trabalho. A maioria dos participantes nesta fase da investigação considera que uma das formas de materializar a utilidade da história militar é utilizá-la como disciplina com objetivos próprios, mas relacionada com a compreensão de objetivos apresentados por outras disciplinas.

Atendendo ao que foi apresentado ao longo deste capítulo estamos em condições de dar resposta à QD3, “Que história militar serve aos oficiais das FA?”, como sendo a que lhes permita uma utilização em contexto de trabalho e esteja associada à compreensão de assuntos relacionados com outras áreas do saber.



Conclusões

O processo metodológico utilizado no trabalho consistiu:

- Num enquadramento conceptual sobre o que é a história militar e quem representa o militar profissional, bem como, na identificação do uso da história militar pelos militares, em particular os oficiais apresentada no primeiro capítulo;
- Na aferição da importância que os estabelecimentos de ensino militar responsáveis por ministrar a formação durante a carreira dos oficiais, atribuem à história militar, num contexto curricular global;
- Na análise dos dados que permitiram identificar que história militar os oficiais sentem como sendo a mais útil para o desempenho das suas funções.

Na operacionalização da metodologia apresentada, todos os capítulos tiveram associada uma QD e os elementos recolhidos em cada um foram contribuindo para se obter a resposta à QC.

Relativamente à QD 1: “Qual o uso da história militar pelo militar profissional no desempenho da sua profissão?”, em função dos resultados obtidos pelas leituras realizadas, concluímos que a história militar é uma disciplina abrangente, exigindo a sua compreensão e estudo, o domínio em grau variável de múltiplas áreas do saber. Conforme apresentado na definição adotada neste trabalho, a história militar abrange desde o conhecimento da tática associada à ação do embate entre adversários, à evolução tecnológica donde derivam mudanças nas táticas, às estratégias e onde se englobam os aspetos geopolíticos associados, sem esquecer o aspeto psicológico, que afeta todos os intervenientes na ação, desde o soldado ao general ou decisor político.

Os oficiais são, por excelência, os militares profissionais. A responsabilidade de que são investidos na tomada de decisões, em situação de paz ou na guerra, coloca-os num patamar diferenciado dos restantes militares. As suas decisões são responsáveis pela forma de atuar dos militares sob o seu comando, pelo emprego dos meios à sua disposição, pelo relacionamento institucional entre a instituição militar e a sociedade civil e acima de tudo, pela transmissão de um código de conduta na forma de valores morais que irão moldar o carácter dos novos oficiais, que por sua vez, continuarão o processo. É a correta transmissão do *ethos* profissional que permite ao oficial ter condições para gerir a violência resultante da natureza da sua profissão.

A história militar tem aplicação por parte dos oficiais no exercício das suas funções, sejam estas tão diversas como a docência ou o combate. A história militar permite ao oficial saber e compreender situações semelhantes, num outro tempo,



podendo constituir o seu “laboratório”. Devido à sua abrangência, a própria história militar possibilita ao oficial preparar-se, bem como aos militares sob o seu comando, para as condições extremas do combate que já foram identificadas por outros, em situações análogas. Julgamos que nunca será demais lembrar as palavras do general Mattis: “a real compreensão da história significa que não enfrentamos nada de novo sob o sol” (2006, cit. por Murray & Sinnreich, 2006, p.7).

Quanto à QD 2: “Qual a importância da história militar na formação dos oficiais das FA?”, estamos em condições de concluir que a importância atribuída à história militar por parte dos países na formação dos seus oficiais é diferenciada, sejam pelas diferenças culturais, organizacionais ou consequências da participação em conflitos recentes. Da análise dos currículos disponibilizados pelas escolas de formação durante este estudo, podemos afirmar que a maioria dos objetivos são comuns, se bem que diferem no método utilizado para a sua prossecução. A fase diferenciadora encontra-se na transição para os postos de oficial superior. Sendo o CPOS, muitas vezes, o último curso obrigatório da carreira do oficial e atendendo às futuras funções que vai desempenhar, procura-se transmitir um conhecimento abrangente e de utilização dos conteúdos ministrados no desempenho da sua função. Esta situação é vincada, sobretudo, nos EUA, prosseguindo na filosofia de ensino do USAWC e no JSCSC. Finalmente, foi com surpresa que se verificou que os CPOG não têm contemplada a história militar nos seus currículos, com exceção dos EUA, e paradoxalmente, são dos países estudados, o que mais insiste em *professional reading lists*. Em teoria, os oficiais americanos selecionados para a frequência do CPOG são os que têm mais história incorporada ao longo da vida profissional, e ainda assim, as FA americanas consideram que eles devem ter mais história para serem generais.

A forma de ensino da história militar nos EUA ou Reino Unido, onde esta tem uma orientação de aplicação prática no quotidiano dos oficiais ou para a exemplificação e compreensão de fenómenos ou doutrinas atuais, despertando o interesse na matéria pelo desenvolvimento do seu estudo, conduz-nos à próxima QD deste estudo.

Na resposta à QD 3: “Que história militar serve aos oficiais das FA?”, foram utilizados dois instrumentos de recolha de dados que, após um tratamento, permitiram concluir que os oficiais desejam estudar história militar e reconhecem a sua importância no contexto do seu desempenho profissional, apesar de na maioria dos casos não conseguirem materializar a forma ou situação específica.



No entanto, a história militar ensinada nas escolas militares reveste-se de uma certa “estanquicidade”, não sendo perceptível onde esta pode ser utilizada no desempenho da função. Esta situação cria frustração e desinteresse pela matéria, pelo que se deseja que a história militar que se ensina seja orientada para uma aplicação prática, de compreensão de outras áreas do saber. Uma história militar com maior ênfase na “arte de comando” é considerada como muito importante pelos oficiais, sobretudo na fase de edificação do “modelo” de oficial que quer ser.

Concluimos ainda que as percepções dos oficiais oriundos dos diferentes Ramos das FA são diferentes, possivelmente fruto de uma cultura organizacional própria e de necessidades específicas para o desempenho da sua função.

Quanto à QC: “Qual a importância da história militar para os oficiais das FA?”, concluimos que esta teve e tem importância para os oficiais, embora a incapacidade generalizada de materializar a sua utilização, seja um fator de desmotivador ao seu estudo. Atendendo a este facto, o ensino da história militar é importante aos oficiais das FA, devendo iniciar-se nas academias e continuar ao longo de todo o período de formação. A história militar civiliza o militar, em particular o oficial. Ao providenciar-lhe uma visão do passado, melhora-lhe a capacidade de decisão e julgamento, ao mesmo tempo que lhe amplia a sua capacidade de previsão. Se o estudo da história é importante para o homem compreender o seu papel no presente, mais importante se torna para o oficial, envolvido que está em assuntos de importância nacional e que ao longo de toda a sua vida irá lidar com as capacidades e limitações dos homens e mulheres com quem trabalha.

No entanto o estudo de história militar não é sinónimo de sucesso garantido enquanto líder ou comandante, assim como não é o estudo isolado de uma área do saber. A única garantia que tem é a de que sabendo o que aconteceu no passado, as condições em que o evento se desenvolveu e quais os resultados imediatos do mesmo, lhe seja mais fácil gerir os seus problemas imediatos. À medida que conseguir desenvolver este processo e lhe encontrar validade prática, irá iniciar uma nova fase de estudo, caracterizada pela análise crítica dos eventos e a testar as teorias associadas, desenvolvendo a sua capacidade de análise e decisão, elementos essenciais ao desempenho do oficial.

Outra vertente onde a história militar tem um papel importante para o oficial, é no desenvolvimento da capacidade de liderança. Ao analisar os comandantes do



passado, oficiais como ele, identifica-lhes os traços de liderança e valores morais, permitindo-lhe melhorar o seu conceito de *ethos* profissional.

Finalmente, e felizmente para a Humanidade, a guerra restringe-se a espaços e períodos temporais, pelo que nem todo o oficial tem a possibilidade de sentir a experiência da guerra. A história militar permite-lhe tomar contacto e ver a “guerra” através das experiências que outros viveram.

Alguns dos autores analisados alertam ainda para o mau uso da história militar. Sem nunca menosprezar os benefícios descritos anteriormente, não lhe devemos também atribuir mais importância que a realmente devida, nunca nos esquecendo que os eventos passados são únicos, os princípios não são imutáveis, assim como os estilos de liderança são adaptáveis às condições do momento. Contudo, estas lacunas podem ser colmatadas através de um estudo objetivo e sobretudo crítico.

Nas FA portuguesas, este é um estudo pioneiro, pelo que se espera que os dados e conclusões aqui expostos constituam contributos válidos para o conhecimento do sentimento dos oficiais das FA relativamente ao ensino da história militar na sua formação académica ao longo da carreira. Identificámos, neste trabalho, que a estrutura curricular em vigor nos EESPUM tem descontinuidade temática e cronológica, não abordando alguns períodos da história militar, pelo facto de no CPOS esta se centrar na vertente militar nacional e no CEMC se centrar na história militar do séc. XX.

Outro dos contributos para o conhecimento, e também um dos objetivos desta investigação, seria obter um conceito de “história militar de cariz profissional”. Propomos que seja um conceito amplo e adaptado aos níveis de desenvolvimento e de desempenho do oficial.

Numa fase inicial deve apoiar a compreensão dos aspetos operacionais da guerra, centrada no combate. O estudo da logística, da tática, das estratégias militares e da liderança em apoio à compreensão da guerra, na atualidade. Posteriormente, numa fase de maior maturidade profissional, sem descurar a vertente operacional da guerra, a história militar deve abordar os temas da administração e da evolução técnica. O foco desta fase deve estar no estudo das doutrinas e a sua relação com a forma como estamos organizados, as estratégias de desenvolvimento de novas tecnologias e as suas implicações na organização militar, na formação e no treino das forças. Finalmente e em apoio à formação dos oficiais para os mais elevados cargos da estrutura das FA, deve centrar-se na relação das FA com a sociedade, nos ciclos de guerra e paz ao



longo da História, abordando o relacionamento entre os elementos militar, político, social, económico e psicológico, a nível nacional e qual o papel da estratégia militar na prossecução dos objetivos nacionais.

As FA portuguesas têm a sua estrutura assente nos Ramos da Marinha, Exército e Força Aérea. Estes têm uma História, necessidades e uma cultura organizacional distinta, sentida através da contribuição dos oficiais para este estudo. Ao mesmo tempo que cultivamos o “trabalho conjunto” e a “formação conjunta”, devemos abordar alguns temas de forma individualizada. A importância da história militar é diferente para os oficiais dos diferentes Ramos das FA, bem como a sua aplicação, fruto da sua natureza diferenciada, pelo que para uma compreensão mais aprofundada deste tema, os Ramos devem ser estudados em separado. Também a fraca participação dos oficiais nas respostas ao inquérito, sobretudo os com mais experiência militar, não permite afirmar que os dados obtidos são representativos dos oficiais das FA. Uma forma de obter maior participação, será dando-lhe um carácter “oficial”, esperando obter, desse modo, um apoio maior à melhoria da nossa formação militar.

Não tendo sido objeto deste trabalho, mas contribuindo para uma melhoria do produto final, sugere-se a identificação de quais os temas que contribuam para a aplicação do conceito de “história militar de cariz profissional” proposto, como uma das pesquisas a desenvolver no futuro.

Com a realização deste trabalho fomos surpreendidos com as perceções que os oficiais das FA têm relativamente à história militar. Seria estimulante para a instituição militar ter a mesma abordagem noutras áreas do saber e deixar-se surpreender com os resultados. Certamente que todos ficariam a ganhar, os militares, a instituição e o País.



Bibliografia

- AFA, 2014. *Ficha da Unidade Curricular de História Militar e da Aviação Militar*. Sintra: Academia da Força Aérea.
- AM, 2008. *Academia Militar*. [Em linha] Disponível em: <http://www.academiamilitar.pt/> [Consult. 19 março 2015].
- AM, 2014a. *Ficha da Unidade Curricular de História de Portugal - M412*. Lisboa: Academia Militar.
- AM, 2014b. *Ficha da Unidade Curricular de História Militar - M413*. Lisboa: Academia Militar Academia Militar.
- AM, 2014c. *Ficha da Unidade Curricular de História Militar I - M414*. Lisboa: Academia Militar.
- AM, 2014d. *Ficha da Unidade Curricular de História Militar II - M415*. Lisboa: Academia Militar.
- AMAN, 2014. *Curso de Formação e Graduação do Oficial de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro*. Exército Brasileiro. Plano de Disciplinas 2º Ano/Disciplinas Comuns.
- Atkinson, R., 1995. Introduction. In Waters, B.P. et al. *War As I Knew It*. New York. pp.xi-xxii.
- Bailey, J.A.B., 2006. Military History and the pathology of lessons learned. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as Prologue, The importance of history for military profession*. New York: Cambridge University Press.
- Best, G., 2012. *What is Military History*. [Em linha] Disponível em: <http://www.historytoday.com/michael-howard/what-military-history> [Consult. 12 novembro 2014].
- Biswas, A., 2009. Research Note on Subaltern Studies. *Journal of Literature, Culture and Media Studies*, July-December. pp.200-05.
- Bloor, M., Frankland, J., Thomas, M. & Robson, K., 2001. *Focus Groups in Social Research*. London: SAGE Publications.
- Boot, M., 2013. *Invisible Armies: An Epic History of Guerrilla Warfare from Ancient Times to the Present*. 0871404249th ed. New York: Liveright.
- British Army, 2015. *Coldstream Guards History*. [Em linha] Disponível em: www.army.mod.uk/infantry/regiments/24362.aspx [Consult. 31 março 2015].



- British Army, 2015. *Royal Military Academy Sandhurst*. [Em linha] Disponível em: http://www.army.mod.uk/training_education/24475.aspx [Consult. 10 março 2015].
- Carrilho, M., 1985. *As Forças Armadas e Mudança Política em Portugal no Séc. XX: Para uma explicação sociológica do papel dos militares*. Lisboa: Estudos Gerais Série Universitária.
- CGSS, 2014a. *H200: Military Innovation in Peace and War Parallel Block*. Fort Leavenworth: US Army Command and General Staff College.
- CGSS, 2014b. *H300: Roots of Today's Operational Environment Parallel Block*. Fort Leavenworth: US Army US Army Command and General Staff College.
- CGSS, 2012a. *Intermediate Level Education (ILE) Common Core*. Fort Leavenworth: US Army Command and General Staff College.
- CGSS, 2012b. *Advanced Operations Course*. Fort Leavenworth: U.S. Army US Army Command and General Staff College.
- Clayton, A., 2006. *The British Officer - Leading the Army from 1660 to the present*. Harlow: Pearson Education Limited.
- Davies, H.J., HDavies.jscsc@defenceacademy.mod.uk, 2015. *Request for Military History Program*. [email] mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 19 janeiro de 2015, [Consult. 20 janeiro 2015]
- DEET, 2011. *Memoria Justificativa del Plan de Estudios de Formación Militar para el Acceso a la Escala de Oficiales del Cuerpo General de Ejército de Tierra, Ingreso sin Titulación Universitaria*. Ministério de Defesa.
- Defence Academy, 2015. *Defence Academy course prospectus search*. [Em linha] Disponível em: <http://www.da.mod.uk/Courses/CourseProspectusSearch/Category/3> [Consult. 10 março 2015].
- DFA, 2010. *Boletim Interno nº19/DFA, de 11 de Março de 2010*. Exército Brasileiro.
- DFA, 2009. *Aditamento nº 2 ao Boletim Interno nº65/DFA, de 10 de Setembro de 2009*. Exército Brasileiro.
- Dixon, N., 2005. *A Psicologia da Incompetência dos Militares*. 2nd ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- E.H.Carr, 1961. *What is History?* Cambridge: University of Cambridge & Penguin Press.



- ECEME, 2014. *Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército*. [Em linha] Disponível em: http://www.eceme.ensino.eb.br/eceme/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=61 [Consult. 13 março 2015].
- ECEME, 2010. *Plano de Disciplinas - 2010 do Curso de Comando e Estado-Maior*. Exército Brasileiro.
- Echevarria, A.J.I., 2005. The Trouble with History. *Parameters*, Summer. pp.78-89.
- Ejército de Tierra, 2012. *Academia General Militar*. [Em linha] Disponível em: http://www.ejercito.mde.es/unidades/Zaragoza/agm/Historial/index.html_1910061515.html [Consult. 13 março 2015].
- EN, 2007. *Ficha Curricular da Disciplina de História do Poder Naval*. Lisboa: Escola Naval Escola Naval.
- ESFA, 2012. *Curso de Actualización Desempeño Cometidos Oficial General*. Madrid: Estado Mayor de la Defensa Escuela Superior de las Fuerzas Armadas.
- ESFA, 2010. *Currículo Curso Estado Mayor de las Fuerzas Armadas*. Madrid: Estado Mayor de la Defensa Escuela Superior de las Fuerzas Armadas.
- Evans, M., 1997. *The Role of Military History in the Education of Future Officers*. [Em linha] Disponível em: <http://www.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf&AD=ADA336221> [Consult. 05 novembro 2014].
- Exército Brasileiro, 2013. *Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais*. [Em linha] Disponível em: <http://www.esao.ensino.eb.br/paginas/esao/ocao/ocao.htm> [Consult. 11 março 2015].
- Freire, J., 2003. *Homens em Fundo Azul Marinho*. Oeiras: Celta Editora.
- GABCEME, 2013. Republicação das as Estruturas Curriculares e dos Planos de Estudos dos cursos da Academia Militar (Despacho nº 12819/2013). In Estado-Maior, G.d.C.d. *Diário da República*. Lisboa: Diário da República. pp.30431-71.
- Gabel, C.R., christopher.r.gabel.civ@mail.mil, 2015a. *Request for Military History Program*. [email] mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 13 março de 2015, [Consult. 14 março 2015]
- Gabel, C.R., christopher.r.gabel.civ@mail.mil, 2015b. *Request for Military History Program*. [email] mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 28 janeiro de 2015, [Consult. 29 janeiro 2015]



- Gabel, C.R., christopher.r.gabel.civ@mail.mil, 2015c. *Request for Military History Program*. [email] mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 26 janeiro de 2015, [Consult. 27 janeiro 2015]
- Galego, C. & Gomes, A.A., 2005. Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, pp.173-84.
- George S. Patton, J., 1995. *The War as I Knew It*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Griess, C.T.E., 1988. A Perspective on Military History. In J. John E. Jessup & R.W. Coakley, eds. *A Guide to the Study and Use of Military History* [OBJ] [OBJ]. 1st ed. Washington: Center of Military History, United States Army. pp.25-40.
- Hanson, V.D., 2013. *The New Criterion*. [Em linha] Disponível em: <http://www.newcriterion.com/articles.cfm/Guerrillas-in-the-mist-7557> [Consult. 02 Março 2014]
- Hanson, V.D., 2007. *Why Study War?* [Em linha] Disponível em: http://www.city-journal.org/html/17_3_military_history.html [Consult. 16 abril 2015].
- Harmon, C.C., 2006. What history suggests about terrorism and its future. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as Prologue, The Importance of History for the Military Profession*. New York: Cambridge University Press. pp.217-46.
- Hart, B.H.L., 1970. *Why don't we learn from history?* [Em linha] PKPolitics.com: Sophron Disponível em: <http://pkpolitics.com/wp-content/uploads/2008/05/liddell-hart-why-dont-we-learn-from-history.PDF> [Consult. 05 novembro 2014].
- Herwig, H.H., 1998. The Prussian Model and Military Planning Today. *Joint Force Quarterly*, June. pp.67-75.
- Hillman, J.E., 2013. The Regularity of Irregular War. *The Harvard Kennedy School Review*, Volume XIII. pp.104-06.
- Holmes, R., 1989. *Acts Of War: The Behaviour of Men in Battle*. New York: The Free Press.
- Howard, M., 1984. What is Military History? *History Today*, December. Disponível em: <http://www.historytoday.com/michael-howard/what-military-history> [Consult. 05 novembro 2014]. Disponível em <http://www.historytoday.com/michael-howard/what-military-history>.



- Hughes, D.G., 2013. *The RUSI Journal*. [Em linha] Disponível em:
<http://www.tandfEm linha.com/doi/pdf/10.1080/03071847.2013.847733>
[Consult. 02 Março 2014].
- Huntington, S.P., 1981. *The Soldier and the State, the Theory and Politics of Civil-Military Relations*. 7th ed. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press.
- IESM, 2014a. *Plano de Curso do Curso de Promoção a Oficial Superior*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- IESM, 2014b. *Plano de Curso do Curso de Estado-Maior Conjunto*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- IESM, 2012. *Plano de Curso do Curso de Estado-Maior Exército*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Janowitz, M., 1971. *The Professional Soldier*. 3rd ed. New York: Free Press Paperback.
- Janowitz, M., 1964. *The Professional Soldier*. New York: Free Press Paperback.
- Johnsen, W.T., william.t.johnsen.civ@mail.mil, 2015a. *U.S. Army War College Military History Request for Information*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 25 março de 2015, Consult. 26 março 2015
- Johnsen, W.T., william.t.johnsen.civ@mail.mil, 2015b. *U.S. Army War College Military History Request for Information*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 23 março de 2015, Consult. 24 março 2015
- Johnsen, W.T., william.t.johnsen.civ@mail.mil, 2015c. *U.S. Army War College Military History Request for Information*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 17 março de 2015, Consult. 18 março 2015
- Jomini, B.H.d., 1862. *The Art of War*. Translated by G.H. Mendell & W.P. Craighill. West Point: U.S. Military Academy.
- Keegan, J., 2009. *A Máscara do Comando*. 1st ed. Lisboa: Tinta da China.
- Keegan, J., 2006. *Uma História da Guerra*. 1st ed. Translated by M.P. Santos & P.S. Pereira. Lisboa: Tinta da China.
- Keegan, J., 1976. *O Rosto da Batalha*. 1st ed. Lisboa: Fragmentos.



- Kelly, K.P. & Johnson-Freese, J., 2013. *Rethinking Professional Military Education*. [Em linha] Disponível em: <http://www.fpri.org/articles/2013/10/rethinking-professional-military-education> [Consult. 04 novembro 2014].
- King's College, 2015a. *Accreditation for ICSC(L)*. [Em linha] Disponível em: <http://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/warstudies/study/wsEmlinha/applying/icscl.aspx> [Consult. 23 março 2015].
- King's College, 2015b. *MA in Defence Studies*. [Em linha] Disponível em: <http://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/dsd/study/mads/index.aspx> [Consult. 23 março 2015].
- Kiszely, J.P., 2006. The relevance of history to the military profession: a British view. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The past as prologue: The importance of history to the military profession*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.23-33.
- MADN-HIST, 2014a. *Course Syllabus for HI301, History of the Military Art, 1st Semester, AY14-15*. New York: USMA.
- MADN-HIST, 2014b. *Course Syllabus for HI302, History of the Military Art, 2nd Semester, AY14-15*. New York: United States Military Academy.
- Manning, S., 2009. *What is the Value of Studying Military History?* [Em linha] Disponível em: <http://www.scottmanning.com/archives/valueofmilitaryhistory.php> [Consult. 05 novembro 2014].
- Marôco, J., 2014. *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. 6th ed. Pêro Pinheiro: Report Number, Análise e Gestão da Informação Lda.
- Matloff, M., 1988. The Nature of History. In U.S.A. Center of Military History, ed. *Guide to the Study and Use of Military History*. 1st ed. Washington: John E. Jessup, Jr.; Robert W. Coakley . pp.3-24.
- Mattis, J., 2013. *General James 'Mad Dog' Mattis Email About Being 'Too Busy To Read' Is A Must-Read*. [Em linha] Disponível em: <http://www.businessinsider.com/viral-james-mattis-email-reading-marines-2013-5> [Consult. 27 fevereiro 2015].
- MDN, 2005. Criação do Instituto de Estudos Superiores Militares (Decreto Lei nº161/2005 de 22 de setembro). In Nacional, M.d.D. *Diário da República*. Lisboa: Diário da República. pp.5674-77.
- Millis, W., 1961. *Military History*. Washington.



- Muraise, E., 2008. *Introduction a L'Histoire Militaire*. Panazol: Lavauzelle.
- Murray, W., 2006. Thoughts on military history and the profession of arms. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as Prologue, The importance of history to the military profession*. New York: Cambridge University Press. pp.78-92.
- Murray, W. & Sinnreich, R.H., 2006. Introduction. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as Prologue, The Importance of Military History for the Military Profession*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.1-11.
- Nye, R.H., 2002. *The Challenge of Command: Reading for Military Excellence*. New York: Penguin Group.
- Patton Jr., G.S., 1995. Operation "Overlord". In Patton, G.S., Waters, B.P., Totten, R.P. & Harkins, P.D. *The War As I Knew It*. New York: Houghton Mifflin Company. pp.89-334.
- Piero, P., 1963. Sur les dimensions de l'histoire militaire. *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, pp.625-38.
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1963_num_18_4_421032.
- Riper, P.K.V., 2006. The relevance of history to the military profession: an American Marine's view. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as Prologue: The importance of history to the military profession*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.34-54.
- Rommel, E., 2009. *Infantry Attacks*. Translated by G.E. Kiddé. Minneapolis: Zenith Press.
- Santos, G.J.A.L.d., 2010. *História concisa de como se faz a guerra*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Santos, L.A.B.d. et al., 2014. *Orientações Metodológicas Para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Sarkesian, S.C. & Robert E. Connor, J., 2006. *The US Military Profession into the Twenty-First Century*. 2nd ed. New York: Routledge.
- Schoomaker, P.J., 2013. *The U.S. ARMY Chief of Staff's Professional Reading List*. U.S. Army Center of Military History.
- Silver, J., joshua.silver@usma.edu, 2015a. *Request for Military History Program*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 17 abril de 2015, [Consult. 18 abril 2015]



- Silver, J., joshua.silver@usma.edu, 2015b. *Request for Military History Program*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 30 março de 2015, [Consult. 31 março 2015]
- Silver, J., joshua.silver@usma.edu, 2015c. *Request for Military History Program*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 27 março de 2015, [Consult. 18 março 2015]
- Silver, J., joshua.silver@usma.edu, 2015d. *Request for Military History Program*. [email], mensagem para costa.vmm@mail.exercito.pt, enviada 21 janeiro de 2015, [Consult. 22 janeiro 2015]
- Sinnreich, R.H., 2006. Awkward Partners: military history and america military education. In W. Murray & R.H. Sinnreich, eds. *The Past as a Prologue: The Importance of History to the Military Profession*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.55-77.
- Strachan, H. et al., 2006. *Big Wars and Small Wars, The British Army and the lessons of war in the twentieth century*. Abingdon: Routledge.
- Toffler, A. & Toffler, H., 1994. *Guerra e Anti-Guerra*. 1st ed. Lisboa: Livros do Brasil.
- US Army, 2014. *America's Army: our Profession*. [Em linha] Disponível em: <http://cape.army.mil/Army%20Profession/cape-appam-web-sep14.pdf> [Consult. 12 novembro 2014].
- USAWC, 2014. *Academic Programs AY 2015*. Carlisle: U.S. Army The United States Army War College.
- USAWC, n.d. *The United States Army War College*. [Em linha] Disponível em: <http://www.carlisle.army.mil/history.htm> [Consult. 19 março 2015].
- USCAC, 2014. *Command and General Staff School*. [Em linha] Disponível em: <http://usacac.army.mil/organizations/lde/cgsc/cgss> [Consult. 19 março 2015].
- USCAC, n.d. *Questions on the history of the Combined Arms Center*. [Em linha] Disponível em: http://usacac.army.mil/sites/default/files/documents/lde/CSI/CSI_FAQ.pdf [Consult. 18 março 2015].
- USMA, 1971. *Department of the Army Ad Hoc Committe Report on the Army need for the Study of Military History. Vol. IV Annex C (Military History Questionnaire - Evaluation of Results)*. Military Report. New York: US Army U.S. Military Academy.



USMA, n.d. *West Point*. [Em linha] Disponível em:

<http://www.westpoint.edu/SitePages/Home.aspx> [Consult. 18 março 2015].

USMA, n.d. *West Point*. [Em linha] Disponível em:

<http://www.westpoint.edu/history/SitePages/About.aspx> [Consult. 25 fevereiro 2015].